ANO 14.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1934 N.º 4346

# Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A VIAGEM AEREA LISBOA—TIMOR E VOLTA

# Humberto da Cruz aterrou ás 13 e 14 na Amadora

## depois de ter efectuado 40.700 quilometros de vôo

*Humberto da Cruz completou hoje mais uma pagina brilhante na historia da aviação portuguesa. A certeza com que o «Dili» realizou o seu vôo de 41.076 quilometros permite que se inscrevam sem receio o nome dos seus valorosos tripulantes, o tenente Humberto da Cruz e o mecanico Antonio Gonçalves Lobato, ao lado das figuras mais notaveis da nossa aeronautica.*

*A viagem aerea Lisboa-Timor-Lisboa, que hoje terminou, numa hora de encantadora felicidade, no campo da Amadora, constitui mais uma demonstração segura da pericia dos nossos aviadores.*

*Com efeito, por muitas qualidades que tivesse o seu pequeno avião de turismo, Humberto da Cruz e o seu companheiro Lobato não teriam podido fazer uma viagem tão limpa se não fôsse o seu valor, a sua tenacidade e o seu sincero e profundo patriotismo.*

*Embora esta viagem não tenha a repercussão internacional das grandes provas estrangeiras de aeronautica, em que se discute, sobretudo, a potencia da maquina, ela tem para nós, portugueses, um interesse excepcional, pois é a maior que em avião português realiza e a mais interessante, sob o ponto de vista de soberania.*

*Já a algumas colonias do Oriente fôram poisas asas gloriosas da nossa terra. Alguns nomes respeitados conquistaram em viagens aereas áquelas longinquas paragens a admiração dos mais dedicados e ferverosos patriotas. Mas, sem que se possa de maneira alguma esquecer esses valorosos aviadores, não podemos deixar de reconhecer a superioridade desta que, além de ter a novidade de levar pela primeira vez pelo ar noticias da patria aos portugueses que mourejam na isolada colonia de Timor, marcou um exito inédito pela certeza com que foi levada a efeito e pelo esforço notavel que os tripulantes do «Dili» fizeram, realizando, não só a viagem de regresso após um curto repouso, mas tambem em tiradas excessivas e fatigantes.*

### A aterragem na Amadora

A chegada de Humberto da Cruz ao aerodromo da Amadora não teve aquele brilhantismo que se esperava, porque o distinto piloto, em face do mau tempo, resolveu sair de Oran logo que lhe foi possivel e avançar á maxima velocidade a caminho de Lisboa, onde chegou com uma antecedencia de duas horas, sobre aquela a que era aguardado.

Cêrca das 13 horas, apenas se encontravam no campo os srs. major Pinheiro Correia, capitão Tartaro e tenente Humberto Pais, o sr. Alves Coelho, representando a Camara da Figueira da Foz, dois ou três jornalistas e algumas pessoas da familia do mecanico Lobato que acompanhou o piloto do «Dili».

Os três aviadores militares acima referidos estavam a almoçar na *mess* quando, pelas 13 e 10 se viu, por uma das janelas um avião vermelho, que logo se suspeitou, apesar da hora, que fosse o de Humberto da Cruz. Era de facto, o «Dili». Uma ordenança correu á «mess», a informar que o avião tinha o numero 30. Não restavam duvidas. Aviadores, sargentos e soldados todos se dirigiram apressadamente para a pista. O «Dili» descrevia entretanto uma curva larga e preparava-se para aterrar.

No campo estavam alinhados seis «Vickers», um «Havilland» e o «Junker» «Monteiro Torres».

O «Dili» preparava-se para aterrar e ás 13 e 14 em ponto, tocava o solo do aerodromo. O aparelho foi rapidamente cercado pelas pessoas presentes e o major Pinheiro Correia foi, de entre todos, o primeiro a abraçar Humberto da Cruz, quando este ainda se encontrava na carlinga. Humberto da Cruz desceu então do aparelho seguido pelo mecanico Lobato, sendo ambos muito abraçados.

Os aviadores presentes informaram então os tripulantes do «Dili» de que a ausencia de camaradas, de amigos e de populares se justificava pela hora, ao que Humberto da Cruz, respondeu sorridente:

—Isso é o menos. Com o tempo que estava, o que eu quiz foi avançar e chegar o mais depressa possivel.

Acompanhado pelas pessoas que assistiram á chegada, o tenente Humberto da Cruz dirigiu-se então para a «mess» dos oficiais, enquanto pelo telefone, se comunicava aos srs. ministro da Guerra, governador militar de Lisboa e director da Aeronautica, a chegada antecipada do «Dili».

A pouco e pouco começavam chegando ao aerodromo, alguns automoveis, conduzindo entre outros, os srs. Carlos Bleck, D. José Saldanha, dr. José Pontes, aviadores militares, mais jornalistas, etc. Todos abraçaram Humberto da Cruz, lamentando que a hora de aterragem os tivesse privado de comparecer ao primeiro momento.

**O tenente Humberto da Cruz** (á esquerda) **e o mecanico Antonio Gonçalves Lobato** (á direita) **junto do aparelho em que efectuaram o seu magnifico vôo**

### As primeiras palavras

Na sala de jantar da «mess», o tenente Humberto da Cruz que ostentava a sua farda de kaki, o emblema da aviação militar do Sião, que ali lhe foi oferecido, fez-nos então as primeiras declarações:

—Em toda a parte fui acolhido carinhosamente, excepto como já sabem, na Persia, onde passei um «mau bocado».

—Mas o que motivou tudo isso?

—Quando aterrei em Bushire, pediram-me como é natural, os passaportes. Ao lerem-nos, diseram-me que eu não podia seguir porque não tinha sido solicitada autorização para voar sobre a Persia. Indignei-me com esta mentira e pedi para comparecer perante o comandante do aerodromo. Era um coronel, que se limitou a dizer-me, quando leu os passaportes:

—«Isto» não serve para nada...

«Retorqui-lhe que «aquilo» servia em todos os paises civilizados e retirei-me de cabeça perdida.

—Depois...

—Quando voltei ao campo, encontrei o meu avião guardado por soldados de baioneta armada, os quais carregaram as armas, ao ver-me aproximar. Um oficial, dirigiu-se-me e notificou-me, em tom irritante, que eu não podia seguir.

«Nesse momento—prossegue Humberto da Cruz—a minha indignação subiu ao rubro. Atirei os passaportes ao chão e declarei:—Ou me deixam seguir ou prendem-me.

«O oficial notificou-me:—Então, está preso.

«E lá ficámos, numa torturante indecisão, que não felizmente, muito prolongada, porque de Lisboa as providencias não se fizeram esperar.

O tenente Humberto da Cruz esclarece-nos ainda:

—Trataram-nos como cães. O Lobato tinha uma infecção num pé; não lhe deram qualquer assistencia medica. Eu, fardado, passei horas sentado nos degraus de pedra, á porta do quartel. A Persia deixou-me a mais negra das impressões.

—E nas colonias portuguesas?

—Toda aquela gente—de Timor, de Macau e da India—comoveu-me até ás lagrimas. Experimentei no seu convivio, horas magnificas de emoção e de sentimento patriotico. Grande gente aquela!

Agora é o tenente Cruz que nos informa, sem que lhe preguntemos:

—Em Tripoli, o general Balbo recebeu-me, tanto á ida como á volta, por forma cavalheiresca, convidando-me sempre para almoçar ou jantar.

E acrescenta:

—No aerodromo de Tripoli, tive a honra de fazer á assistencia de todos os aviadores italianos e perante um mapa-mundo, a descrição da minha viagem, que todos seguiram atentamente, dizendo-me Italo Balbo no fi-

*(Vêr continuação na pagina central)*

A este numero do "Diario de Lisboa„ corresponde um suplemento literario de oito páginas

# TEATROS E CINEMAS

## Maria Esparza e Pilar Cavero

O teatro do Gimnasio apresentou ontem ao publico de Lisboa, que infelizmente ali acorreu em numero reduzido, uma grande bailarina espanhola, Maria Esparza, e uma pianista de merito, Pilar Cavero, que preencheram um espectaculo de arte dos mais notaveis que ultimamente se têm realizado entre nós.

Maria Esparza, que dansou em Lisboa como primeira bailarina das ultimas companhias de opera que aqui vieram, é uma artista de grande classe, que dansa primorosamente tanto o bailado classico como o bailado espanhol. A «Serenata», de Chaminade, «A Primavera», de Sinding, e a «Caixa de musica», de Liadoff, tiveram uma interpretação graciosissima. As dansas espanholas de Albeniz, de Torroba e de Chueca, ganham em beleza ritmica e em sugestão romantica através dos seus passos impecaveis.

Pilar Cavero acompanhou-a ao piano com uma grande segurança e executou alguns trechos musicais com bela expressão e delicadeza de ritmos.—N.

## Amarante no "Chico das Pêgas"

*Um novo exito de Estevão Amarante, numa grande criação artistica—a sua actuação na opereta de mestre Eduardo Schwalbach, «O Chico das Pêgas», no Variedades. Trabalho primoroso de observação de mais um tipo lisboeta, detalhe da figura num requinte de estudo, interpretação modelar do personagem, vestuario, caracterização, tudo foi exteriorizado pelo ilustre, brilhante e popular actor que, a mais de tudo*

Estevão Amarante no «Chico das Pêgas»

*isto, canta admiravelmente toda a parte que lhe coube na partitura encantadora do saudoso maestro-compositor Filipe Duarte. Estevão Amarante, em «O Chico das Pêgas», essa modelar figura alfacinha que Schwalbach arrancou aos nossos bairros populares, demonstra, acima de tudo, as suas altas e inconfundiveis qualidades de comediante.*

## Argentinita, no Gimnasio

*«La Argentinita», notabilissima artista, estreia-se amanhã no Gimnasio.*

*E dificil se nos torna falarmos da sua arte, para fugirmos aos lugares-comuns com que actualmente se glorificam todas as artistas. Entretanto, «Argentinita» é inconfundivel.*

ARGENTINITA

*Sensivel e apaixonada, possui ainda, essencialmente, estas duas qualidades preciosas: um perfeito sentido da sintese e um alto poder de sugestão. A sua fisionomia, ironica e misteriosa, admiravelmente dominada pelo espirito, parece defender-se de qualquer provocação sensual e contudo, em determinados momentos, como que irradia lampejos duma admiravel sensualidade magnificamente humana, em ritmos de suprema graça.*

*«Argentinita» canta. E a sua voz, enigmatico éco de cristal feminino, fica soando sempre nos nossos ouvidos, em acordes desferidos por aves paradisiacas.*

*«Argentinita» baila. Sem violencias, sem acrobacias, executa, com as suas sapatilhas brancas, um finissimo bordado, invisivel...*

*Lisboa, vai ter em face, a partir de amanhã, uma artista formidavel, que decerto vai obter um exito como o de ha tempos no S. Luiz, em memoraveis enchentes que fizeram época.*

## "Zé dos Pacatos", no Apolo

*A fim de se efectuar amanhã, como está determinado, a estreia no Apolo da revista «Zé dos Pacatos», com que a companhia Rafael Marques inaugura a sua temporada de inverno, realiza-se ali, esta noite, o ensaio geral. A nova revista de Alberto Barbosa, José Galhardo, Vasco Santana e Xavier de Magalhães, de caracter acentuadamente popular, tem os seguintes 22 quadros:*

*1.º, Propaganda do Vinho; 2.º, O nosso S. Martinho; 3.º, Vinho velho, vinho novo!; 4.º, Folhas de parra; 5.º, Corpos Gerentes; 6.º, Fadistas e Marialvas; 7.º, Tarde de toiros; 8.º, Chorai, fadistas, chorai!; 9.º, A' la minute; 10.º, Highlanders; 11.º, Sol da Escossia; 12.º, Os que desembarcam; 13.º, Lisboa á vista!; 14.º, Para inglês vêr; 15.º, Pupilas do Sr. Reitor; 16.º, O ultimo reduto; 17.º, A «girl» moderna; 18.º, O grande circo; 19.º, A compasso; 20.º, Gazeta de Lisboa; 21.º, Noites de Queluz; 22.º, A alegria da Revista.*

## "Viva a Folia!"

*Depois do ensaio geral efectuado ontem, no Avenida, verificou-se a necessidade de adiar por mais um dia a estreia, neste popular teatro do Parque Mayer, pela nova companhia Maria das Neves, da revista «Viva a folia!», de Lino Ferreira, Fernando Santos e Almeida Amaral. Assim, as primeiras representações, ás 20 e 45 e 22 e 45 horas, de «Viva a Folia!», foram definitivamente fixadas para amanhã, pelo que as marcações de bilhetes feitas na bilheteira deste teatro só se respeitam até ás 16 horas.*

## Atrás do reposteiro

—No proximo domingo não se realizam «matinées» nos teatros da Trindade e Avenida, mas sim, no dia de Natal, ás 15 e 30; no primeiro teatro, com o «Menino Virtuoso» e no segundo, com «O amor... é o Diabo!».

—Palmira Bastos é todas as noites delirantemente aplaudida no Nacional, pelo seu notavel desempenho na protagonista de «Sol Poente», a nova peça de Ramada Curto.

—Está já em pleno triunfo, no Variedades a opereta de mestre Eduardo Schwalbach, «O Chico das Pêgas», que no dia de Natal dá a sua primeira «matinée», ás 15 e 30 horas.

—Renovada com numeros que são autenticas surpresas, não só em bailados de absoluta novidade como em rabulas que provocam gargalhadas constantes, a fantasia «O Fim do Mundo» está atraindo ao Coliseu milhares dos espectadores que a viram na primeira fase e outros milhares que ainda não tiveram a felicidade de admirar a deslumbrante e incomparavel peça.

## "Meio milhão e uma noiva"

«Meio milhão e uma noiva» é um filme cheio de graça e de frescura, que obteve ontem, no Politeama, um êxito completo.

Jack Buchnan, o interprete valioso de «Monte Carlo», é realmente um artista de recursos, cuja actuação, só por si bastaria para dar categoria a uma produção cinematografica. A sua voz admiravelmente timbrada e a sua alegria comunicativa ás vezes um pouco exagerada, é certo—foram muito bem aproveitadas pelo realizador de «Meio milhão e uma noiva».

O publico, que manifestou um interesse constante pelo desenrolar do argumento, em que as situações comicas se sucedem, riu francamente, do principio ao fim.

Entre os filmes que constituem o programa do Politeama, ontem estreado, deve citar-se o documentario «Sinfonia duma floresta», que é uma produção encantadora, pela beleza das suas imagens escolhidas e pela harmonia da musica que o acompanha.—M. N.

## "Lago do Amor"

Simone Simon e o seu Tigre

*Marc Alegrette, o grande realizador da pelicula «Lago do Amor», aproveitou com fino tacto toda a graça infantil, ternura, encanto e gaiatice de Simone Simon para dar vida a essa enternecedora «Puek» que pela graciosidade, mimo, delicadeza e expressão seduz como uma linda e amorosa boneca de Lenci.*

*No filme, é infeliz na sua paixão; no desempenho do seu dificilimo papel, foi felicissima como nunca. Todos sabem que o «Lago do Amor» exibe-se, com um exito já popular, no Central Cinema. Portanto, não devem lá faltar.*

## Actualidades

—Realiza-se hoje em Paris, por convites, no Estudio Caumartin, em recita de gala, a exibição de «La Signora de Tutti», o filme da Max Ophuls que obteve o grande premio bienal de Veneza.

## PROGRAMAS DE HOJE

**S. LUIZ** TELEF. 17172
Uma noite de Amor
com Grace Moore
A's 21 e 30 Matinées ás 5.as sab. e dom. ás 15

**CENTRAL** Telef. 24281
LAGO DO AMOR
com Rosine Déreau, Simone Simon e Jean Aument
A's 21 e 30

**CONDES** TELEF. 22523
1.ª jornada
OS MISERAVEIS
de VITOR HUGO
com Harry Bauer, Florelle e Charles Vanel
A's 21 e 15

**COLISEU** Telef. 26183
CAZAR POR AZAR
com Clark Gable e Carole Lombard
A's 21 e 15

**PALACIO** Telef. 47163
Recordar é viver
com Fay Compton
A's 21 e 30

**POLITEAMA** Telef. 2 6305
Meio milhão e uma noiva
com o comico inglês Jack Buckanan e Elsie Randolph
A's 21 e 30

**PARIS** Tel. 2 8777 ás 8 e 45
A Flor de Hawai
O REBELDE
Matinées as 5.as sab. e dom. as 15

**CAPITOLIO**
O meu fraco
Ben-Hur
Bilhetes desde 1$60

**EUROPA** TELEF. 4 6961
Canção duma noite
Um valente
ás 21

**TERRASSE**
A canção duma noite
Às 21 e 15 Telef. 20971 com Jan Kiepura

**LYS** Telef. 48560
A canção duma noite
ás 21 e 15 com Jan Kiepura

**ROYAL**
A BATALHA
ás 21 e 45 Era uma vez um rei
Telef. 45037

**GIMNASIO** Hoje-A's 9 1/2 Telefone 2 8801
2.º E ULTIMO CONCERTO
Maria Esparza — Notavel bailarina
Pilar Cavero — Famosa pianista
No programa: Albeniz, Falla, Granados e Halffter. — A pedido, num dos intervalos, uma «charla» de
CORINTO Y ORO
AMANHÃ, SABADO SENSACIONAL ESTREIA
ARGENTINITA
4 unicos espectaculos-4 - Bilhetes a venda

**APOLO** Amanhã - Sabado — Amanhã
Duas sessões — A's 8,45 e 10,45 h.
PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES pela COMPANHIA RAFAEL MARQUES
DA REVISTA EM 2 ACTOS e 22 QUADROS
Zé dos Pacatos
Bilhetes á venda

O ESPUMOSO Tagide É SUPERIOR

AMANHÃ definitivamente no MARIA VITORIA
EM DUAS SESSÕES
A estreia, pela Companhia MARIA DAS NEVES
da nova revista em 2 actos e 18 quadros
VIVA A FOLIA!
BILHETES A' VENDA

O grande exito de Lisboa:
O Chico das Pêgas
Todas as noites Duas sessões no
VARIEDADES
com
Nascimento Fernandes, Estevão Amarante, Antonio Silva, José Gamboa, Maria Sampaio, Josefina Silva, Dina Tereza e Elvira Velez
Dia de Natal: A's 3 1/2 horas
PRIMEIRA MATINÉE

Teatro Nacional
HOJE — A's 21 e 30 — HOJE
Continua o seu retumbante êxito a peça de
RAMADA CURTO
SOL POENTE
Representa-se TODAS AS NOITES no
TEATRO NACIONAL
A melhor peça, a mais emocionante. Um notavel conjunto de artistas
Palmira Bastos
na sua grande criação.
Amelia Rey Colaço
ALVARO BENAMOR — RAUL DE CARVALHO — ALFREDO RUAS — ROBLES MONTEIRO e JOAO VILLARET

Ragna Kallgren
Somos informados que se encontra em Lisboa Madame Ragna Kallgren, distinta especialista em cuidados da pele, ex-colaboradora de Elizabeth Arden em New York, Londres, Zurich e Stockolm.
Madame Ragna Kallgren vem instalar nesta capital um modernissimo e luxuoso salão onde as senhoras da nossa melhor sociedade encontrarão todos os meios necessarios á conservação e beleza da pele. As consultas gratuitas que Madame Ragna Kallgren tenciona inaugurar em Portugal, farão sem duvida afluir todas as senhoras a este modernissimo salão.

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

TRINDADE TEATROS DA EMPREZA JOSÉ LOUREIRO AVENIDA
TODAS AS NOITES:
O Menino Virtuoso
Sucesso inconfundivel
Matinée: ás 3 1/2 h. — DIA DE NATAL
EM ENSAIOS:
Uma Mulher de Negocios
TODAS AS NOITES:
O Amor... é o Diabo!
Triunfo absoluto
Matinée: ás 3 1/2 h. — DIA DE NATAL
EM ENSAIOS:
O Alfinete

# Cultura cinematográfica

## Filmes recomendados pelo Diario de Lisbôa

Lisboa oferece esta semana filmes para todos os paladares. Quatro de entre eles podemos recomendá-los sem que a nossa consciencia dê de si. Os cinefilos têm por onde escolher.

Se gostam de filmes emocionantes, de bem urdida intriga policial, com uma tintura de amor e umas besuntadelas de filosofia—vão ver... *O homem invisivel.*

Se preferem os filmes de enredo espirituoso e leve, tocados dum romantismo sem pieguice, bem condimentados de situações e musica, com ricas canções intrecaladas sem uso do martelo—vão ver *Uma noite de amor.*

Se gostam mais de «fitões» imponentes, inspirados em obras literarias de folego, adaptadas conscientemente ao «écran» e interpretadas por actores de apregoada fama—vão ver *Os miseraveis.*

E se o gosto lhes pende para a fotogenia, para o jogo habil e cuidado das imagens, com artistas de fisico impecavel e um enredo daqueles «psicologicos», em que o *sex-appeal* desempenha um papel de relevo, não hesitem: vão ver *O lago do Amor.*

Qual preferimos? Não sabemos bem. Depende da disposição. Por vicio incuravel e dever de oficio, vimos os quatro. Em todos eles encontramos razões de agrado e desagrado, com agradavel maioria das primeiras. De todos, o que mais seduziu a nossa «veia critica» foi sem duvida alguma *Os Miseraveis.*

Por isso mesmo pensamos dedicar-lhe uma proxima pagina, depois de termos visto as três jornadas, ou antes: os três filmes em que André Lang, cenarista, e Raymond Bernard, encenador, decompuzeram o romance de Victor Hugo. Com esta, é a quinta adaptação que se faz da historia de Jean Valjean,—a terceira que vimos, e a melhor.

*O Lago do Amor*, filme de Marc Allegret —um dos raros realizadores franceses que têm a noção da sua arte—é tão agradavel aos olhos como *A noite de Amor* aos ouvidos.

Não que o som de *Lac aux Dames* seja deficiente, nem as imagens de *A Night of Love* inferiores! Mas a prevalencia dos elementos visuais num e dos elementos sonoros noutro é tão flagrante que o equilibrio cinematografico não se estabelece em nenhum deles.

*O Homem Invisivel* satisfaz de preferencia a imaginação. Todos os que leram o romance de H. G. Wells imaginaram o que seria aquela aventura alucinante dum quimico que consegue descolorir os tecidos organicos a ponto de os tornar invisiveis como o ar que o rodeia, e aplica a maravilhosa descoberta ao seu proprio corpo. E' a realização cientifica do feitiço de Alberico, o rei dos Nibelungos, cujos efeitos tivemos ocasião de apreciar na *Morte de Siegfried* de Fritz Lang.

O mais grave é que o genial descobridor supõe ter alcançado assim a omnipotencia e usa criminosamente o seu estranho poder. Mas, em vez de governar o mundo, só consegue ser abatido pela bala dum policia.

*O Homem Invisivel* era um argumento fonocinematografico sedutor. Dissemos propositadamente *fonocinematografico* porque, sem a colaboração dos sons resultaria perfeitamente ridiculo. Seria um filme de habilidades e de truques, da ordem das *Proezas duma cabeça de vitela* e da *Oficina sem marceneiro*, gloriosos pioneiros do ilusionismo cinematografico; tanto que nunca foi realizado nos tempos do silencio.

Agora, com o potencial dramatico da voz, o romance de Wells consegue ser no *écran* um espectaculo deveras interessante.

Mesmo assim, o cinema é tão essencialmente uma arte visual, que o «Homem Invisivel» propriamente dito resulta mais emocionante sempre que se vê, isto é, sempre que cobre o rosto com ligaduras, o corpo com um balandrau e calça sapatos e luvas de borracha (um verdadeiro achado, impressionante, as luvas de borracha!). Então, sim: sente-se, por boa preparação do *découpage*, o *vasio* que está para alem da roupa. (*Vasio* não é bem dito. Mas compreenderam assim, não é verdade?).

Cabem os maiores elogios a Claude Ryans, o excelente interprete do tresloucado Griffin. Voz, atitudes, movimentos certo geito de automato que imprimiu, muito intelligentemente, á sua personagem, e que lhe sublinha, não diremos a irrealidade, mas a estranheza. A notar, que o caracter especialissimo da figura lhe roubava o instrumento mimico que é tido, com ou sem razão, pelo mais importante: a expressão fisionomica. Optima compreensão do que seja representar para a objectiva! E' a boa escola dos antigos «mascarados» das fitas em series, esses evangelhos do cinema, tão injustamente depreciados.

A seu lado, quasi todos os que podem «dar a cara» desaparecem, á excepção do impagavel casal dos donos da estalagem (o homem é o artista que assinalamos no *chauffeur* do *Misterio do sr. X*), e de três ou quatro policias (figurantes).

Depois de Claude Ryans, cabem as honras do filme a James Whale, o realizador que já dera optimas provas do seu dominio do genero em *Frankenstein*. Os truques foram realizados com muita paciencia e muita correcção. Os *dunnings* (sobre-posições opticas de imagens opacas em fundos moveis) produzem bom efeito, principalmente quando Griffin tira as ligaduras da cabeça em frente do espelho. A sobreposição transparente do final — o regresso á visibilidade, tal como Wells a descreve — é notavel.

Ha quem discuta a «naturalidade» das evoluções dos objectos presuntivamente deslocados pelo Homem Invisivel... Além de ser muito dificil apreciar as suas sucessivas posições na ausencia total dos membros que lhes pegam, parece-nos pormenor insignificante para condenar uma obra de dificuldades tão evidentes, e tão satisfatoriamente vencidas por James Whale.

Boa planificação. O enredo nunca diminui de interesse. O crescendo da praxe mantem-se até ao fim.

* * *

O principal atractivo de *Uma Noite de Amor* é a voz de Grace Moore, soprano da Metropolitan Opera de Nova York. Já a ouviramos ha anos em *Jenny Lind*, mas confessamos que só aqui ela nos causou a impressão que indiscutivelmente merece. Apressemo-nos a dizer que a beleza fisica da cantora corresponde em tudo á beleza vocal — harmoniosa, limpida, atragante.

Um caso sério.

Muito de louvar a habilidade do planificador. Puzeram-lhe um problema que pode enunciar-se assim:

Invente um filme em que uma artista possa mostrar em publico quanto vale como mulher, como cantora e como actriz; apareça em camisa, de pijama, com vestidos pobres e ricos, de baile e de passeio; vestida para a cena num minimo de três papeis; faça rir e faça chorar; divirta, comova e enterneça; ponha-a a contracenar com actores que se vejam, sem a parasitarem e sem a apagarem; com outra mulher bonita; e em que possa cantar um fox-trot americano, uma canção italiana, e aí umas quatro ou cinco operas conhecidas.

Só isto! Pois o homenzinho resolveu o problema, absolutamente charadistico, cozinhando o primeiro filme de *bel-canto* em que *nenhuma* das canções aparece metida a martelo! Grace Moore canta no filme nove vezes, com escalas e notas agudas de contra-peso, sem que isso pareça excessivo ou sequer se repita! Canta a *Traviata*, a *Carmen* e a *Butterfly* — divinamente. O *Un bel di vedremo* final é magnifico, não só pela maravilhosa execução, como pela forma como é preparada e conduzida a situação. A aparição do maestro na caixa do ponto é felicissima. Só a a montagem corresponde plenamente á excelencia da planificação e o *dubbing* (sonorização posterior) não aparece contra-feito.

Salientemos, ao lado do exito de Grace Moore, o exito de Tullio Carminati. O seu «Giulio Monteverdi», maestro celebre, professor de canto que apaixona todas as suas discipulas e resolve sacrificar o amor aos interesses da musica, exactamente na vespera de ter a «discipula» dos seus sonhos — é uma autentica criação. Tipo, entoações, expresões — tudo é perfeito. Nunca perde, através das mais diversas situações, aqueles tiques autoritarios e cabotinos que caracterizam os artistas bafejados pela fortuna. E, no entanto, *il joue d'autorité*, como diria um francês, chegando a convercer-nos de que Monteverdi tem realmente o talento que a rubrica lhe atribui.

Tullio Carminati, esse, tem talento com certeza. E do bom!

Todos os outros interpretes, muito bem.

RETARDADOR

*Vamos ver muito brevemente, no Tivoli, um novo filme da Ufa, apresentado pela Agencia Cinematografica H. da Costa, que bem pode classificar-se de original: «Jorge e Georgina», a melhor criação de Meg Lemonnier, que encarna maravilhosamente um duplo papel. O dialogo desta comedia musical, com linda musica de Franz Doelle, é quasi todo em versos espirituosissimos. «Jorge e Georgina» será mais um triunfo para a Agencia H. da Costa*

# As comemorações do Natal

### Em Santarem

SANTAREM, 21 (Pelo telefone)—A direcção da Associação Comercial de Santarem votou por unanimidade a oferta de 10 senhas, para o bodo que distribui no dia 31, pelas 11 horas, ao correspondente do «Diario de Lisboa», para serem entregues a pobres protegidos por este jornal.

Mercê da boa vontade do comercio, da industria e da lavoura, o numero dos contemplados será superior ao de todos os outros anos: 2.000 pobres.

Na séde da Associação foram recebidos 4.000 escudos, oferecido por uma entidade oficial.

100 crianças das escolas receberão objectos de vestuario, e á «pobreza envergonhada» serão entregues, nos seus domicilios, diversos donativos.

—Os alunos das classes primarias da Escola Valsassina instalada na avenida Antonio Augusto de Aguiar, 148, resolveram fazer uma arvore de Natal, para oferecerem no proximo domingo, ás 14 horas, os brinquedos que a enfeitam a 300 crianças pobres, suas protegidas.

Agradecemos a oferta que nos foi feita, de 10 senhas para outras tantas crianças pobres protegidas pelo «Diario de Lisboa».

— Promovida pela dr.ª D. Sara Benoliel realiza-se amanhã, sabado, ás 15 horas, na enfermaria dr. Salazar de Sousa, do hospital de D. Estefania, uma festa dedicada ás crianças, ás quais serão oferecidos brindes, e com a colaboração de palhaços que farão cenas comicas para divertir os pequenos doentes.

## FESTAS ASSOCIATIVAS

O grupo dramatico do Asilo D. Maria Pia leva a efeito, no seu salão de festas amanhã pelas 21 e 30, uma recita, seguida de baile, que é abrilhantanda pela troupe jazz «Os Melros», de Caxias.

—Nos dias 22, 23, 24 e 25 realizam-se, na Associação de Bombeiros Voluntarios «União e Capricho», de Linda-a-Pastora, interessantes festas de caracter familiar.

## Festa infantil

O Grupo Beneficente Pró-aluno, do Gremio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, realiza no dia de Natal, ás 15 horas, uma festa para distribuição de calçado, e vestuario e brinquedos a 250 crianças da respectiva escola.

## Vida diplomatica

Encontra-se em Lisboa o sr. Henry Helfant, distinto adido comercial da Romenia e grande amigo de Portugal.

E' A
S. U. S.
quem apresenta
o grande filme
desta semana
UMA NOITE
DE AMOR
(recomendado
pelo *Diario de Lisboa*)
com a insuperavel
Grace Moore
A mulher que canta
e encanta!

BOLO REI
FABRICO DIARIO
Verdadeira especialidade da
ANTIGA CONFEITARIA PIRES
J. TAVARES
Rua da Palma, 68 Telefone 2 8068

CONDES
Os Miseráveis
O melhor filme francês
de todos os tempos!

Faça V. Ex.ª o seu brinde, dando-lhe o cunho do seu bom gosto e distinção
adquira-o no
PITTA
195, Rua Augusta, 197

# O NATAL DOS POBRES

## protegidos pelo "Diario de Lisboa"

Em boa hora se lembrou o «Diario de Lisboa» de apelar para a caridade dos seus leitores em beneficio dos pobres a quem urge socorrer, ao menos nesta quadra festiva do Natal, para que o seu sofrimento tenha, ao celebrar-se a festa da familia, um pouco de refrigerio.

Felizmente todos os dias nos chegam mais donativos para o bodo que nos propomos distribuir; e, se o seu volume não está na proporção da miseria a que tem de se acudir—nunca o estaria, de tão numerosa que é a legião dos pobres—revela a consoladora certeza de que ainda ha almas bem formadas capazes de sentir e de praticar a verdadeira solidariedade humana.

Assim as professoras do Conservatorio sr.as D. Adelina Heinz, Ana Dias Ferreira, Ayque de Almeida, Cecilia Borba, Guilhermina Coutinho, Isabel Manso, Isaura Pavia de Magalhães e Virginia Vitorino, e os professores srs. Alexandre Bettencourt, Armando Fernandes, Aroldo Silva, Artur Trindade, Campos, Carlos Gonçalves, Costa Reis, Edouard Chambon, Flaviano Rodrigues, Herminio do Nascimento, Ivo Cunha e Silva, Jaime Silva, Julio Cardona, Lucio Mendes, Luiz Freitas Branco, Marcos Garin, Pavia de Magalhães, Pedro Costa Pereira, dr. Santos Gil, Tomaz Borba, Varela Cid e Wenceslau Pinto, quizeram tambem contribuir para os nossos pobres com 5 escudos cada, o que dá um total de 150 escudos.

Alem destes recebemos mais os seguintes donativos: do sr. Eugenio Beltran Pepe, com estabelecimento comercial na rua de Santa Justa, 22, uma peça de tecido para vestidinhos; de I. V. J. P., 50$00; de Ermelinda de M. C., 20$00; de H N., 22$00 (12$00 para um tuberculoso e 10$00 para um ceguinho); de A. P. A., (em cumprimento de uma promessa), 10$00.

Por sua vez, a Associação Comercial de Lojistas de Lisboa, a prestigiosa colectividade que representa o comercio lisboeta, enviou ao nosso jornal o importante donativo de 100$00.

A todos os nossos agradecimentos.

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Esc.
Jantares completos de 15 e 18 Esc.

# AUTO DO NATAL

## em "matinée„ do S. Luiz

Na proxima segunda-feira, 24, vespera de Natal, realiza-se, ás 15 horas, no *S. Luiz* que para esse fim foi gentilmente cedido pelo sr. João Ramos, uma «matinée», a primeira das que entram no vasto programa da *Festa da Criança*.

Deve obter certamente, o mesmo exito dos numeros já realizados em beneficio das criancinhas pobres pois trata-se, na verdade de um espectaculo interessante para o qual se nota já uma enorme procura de bilhetes.

O seu programa consta de desenhos animados em filmes para os pequeninos, uma breve palestra do sr. dr. José Pontes, recitação pela ilustre artista D. Palmira Bastos, canto pelo dr. Paradela de Oliveira que só excepcionalmente se exibe, acompanhado pelo celebre guitarrista de Coimbra sr. Artur Paredes, numeros de concerto por mademoiselle Ester Ribeiro e seus discipulos, bailados por alunas de madame Britton's, recitativos pela pequena Maria de Lourdes jazz-band infantil, cantos corais por alunos do Asilo José Estevão, e, com o numero de sensação, o *Auto do Natal*, original em verso do dr. Mario Monteiro com musica do maestro Wenceslau Pinto regida pelo ilustre artista Jaime Silva. Nesse auto, ensaiado gratuitamente por Alexandre de Azevedo, entram os artistas Maria Brandão, Elisa Carreira, Eduardo Raposo, Joaquim Miranda, José Cardoso, Fernando Pereira, Constantino de Carvalho, pastores, anjos, Reis Magos e povo.

Os bilhetes encontram-se já á venda no salão de Festas do Grandela onde podem ser marcados pelo telefone directo (2 3171) mas devendo ser retirados no mesmo dia, visto ser grande a sua procura.

# DE LUTO

### José Pedro

*Antonio Pedro*

Faleceu hoje na sua residencia, rua do Ouro, n.º 100, 3.º, o conhecido comerciante de lotarias José Pedro, uma das figuras mais populares e mais estimadas do comercio lisboeta, que exerceu a sua actividade durante longos anos e que se impuzera á consideração de quantos o conheceram pelas suas primorosas qualidades de caracter. O seu funeral realiza-se no proximo domingo, a hora ainda não determinada.

### José Martins Fouto

Faleceu em Cardigos, onde tinha a sua casa, o sr. José Martins Fouto, antigo chefe de Policia aposentado, muito estimado por quantos o conheciam. Era um velho republicano e um homem honrado. Apresentamos os nossos pesames a sua esposa a sr.ª D. Rosalina de Oliveira Fouto e a sua familia. especialmente a seu irmão, o sr. Alfredo Martins Fouto, 2.º tenente da Armada.

# MERCADORIA MACABRA

Só hoje foram levantados da Alfandega os dois caixotes com visceras, enviadas á Investigação Criminal de Lisboa, pelo juiz da comarca de Mossamedes em 27 de janeiro de 1932, a bordo do vapor «João Belo».

Um desses caixotes chegou a ir a leilão, e, como ninguem quizesse licitar a mercadoria macabra, continuou em armazem. Ultimamente o cheiro que as visceras deitavam era tal, que alguns empregados da Alfandega chegaram a ser acometidos de desmaios. O caso foi comunicado ao sr. ministro da Justiça que imediatamente encarregou a Policia de Investigação de Proceder á remoção dos caixotes para o Instituto de Medicina Legal.

O agente Mario Silva, da P. I. C., andou em bofandas dum lado para o outro, tendo pago 71$50 de frete á Companhia Colonial. A seu pedido, a Exploração do Porto de Lisboa fez uma redução de 99 por cento na taxa de armazenagem que se elevava a 600$00. A Alfandega tambem não dispensou os respectivos direitos.

# 8.º aniversario da criação

### do distrito de Setubal

SETUBAL, 21—Comemorando o 8.º aniversario da criação do distrito de Setubal, realizam-se amanhã, nesta cidade, varias cerimonias, a que deve assistir o sr. ministro do Interior, que dará recepção no salão nobre da Junta Geral do Distrito, ás 16 horas.

A's 9 horas realiza-se, na igreja de S. Julião, uma missa por alma das pessoas que trabalharam para a criação do distrito e ás 20, efectua-se um banquete de homenagem ao sr. ministro do Interior, no salão do Asilo Bocage.

Devem tambem realizar-se espectaculos cinematograficos gratuitos, em três casas de espectaculos desta cidade.

# O ministro dos Estrangeiros

### visitou o Refeitorio Economico

O ministro dos Negocios Estrangeiros visitou hoje, pelas 11 horas, o Refeitorio Economico, na travessa das Monicas, onde era aguardado pela comissão de senhoras que a essa prestimosa instituição dão o melhor do seu esforço.

O sr. dr. Caeiro da Mata, depois de se informar do funcionamento do Refeitorio, entregou á comissão um importante donativo e teceu o elogio de tão benemerita obra de caridade.

O Refeitorio Economico distribui todos os dias, das 9 ás 11 horas, pelas freguesias da capital 530 litros de sopa gratuitamente.

Para esta simpatica obra muito contribuiu a Camara Municipal, que põe uma camioneta á disposição do refeitorio.

O ESPUMOSO Tagide VENDE-SE NAS BOAS CASAS

# A VIAGEM AE

# As primeiras homenag

## foram-lhe prestadas no meio

## de aviadores e aviões e na presen

(Continuação da 1.ª pagina)

nal:—Bela viagem, meu caro tenente!

—Balbo falou-lhe de Portugal?

—Sim e muito carinhosamente, recordando a sua passagem por Lisboa e falando com entusiasmo de Gago Coutinho e de Ribeiro da Fonseca

«Em Singapura—prossegue o aviador—foi-me oferecido um banquete pelos sessenta aviadores ingleses daquela base, homenagem que muito me sensibilizou. Em Akyab—outra nota curiosa—tive, ao aterrar, guarda de honra por infantaria indiana!

E em comentario de bom humor:

—Vejam vocês o que será para um «tipo», que vem estafado, depois de uma tirada longa com temporal desfeito, ter de passar revista a uma guarda de honra Mas enfim, só ha que agradecer, porque tudo traduzia amizade e consideração pela nossa terra.

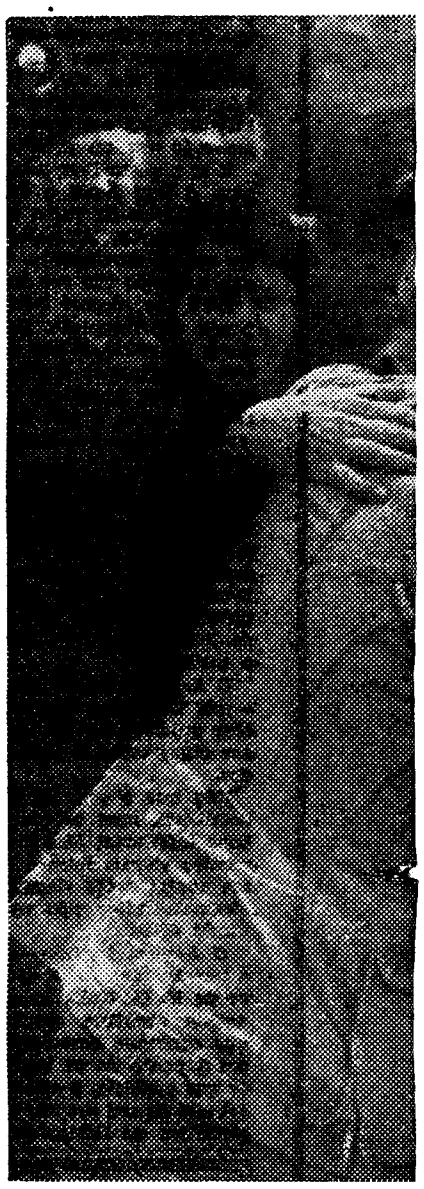
—Em Tunis?

—De Tunis, apenas quero referir, alem do meu profundo reconhecimento, este episodio que muito nos interessa. Quando um oficial aviador francês me preguntou o fim da minha viagem disse-lhe, como tudo indicava, que o meu governo me encarregara de ir ás colonias do Oriente, em cruzeiro de soberania, ao que aquele meu camarada respondeu:—Bem hajam os governos que assim mostram tão clara noção do papel da aeronautica na politica colonial.

—A «étape» de hoje...

—Fizemo-la em 5 horas e 35 minutos e com vento contrario a 160 quilometros horarios.

A chegada de entidades oficiais e de muitas outras pessoas fez interromper a entrevista. Humberto da Cruz era chamado para receber mais abraços, mais saudações. O campo ia-se animando, á medida que se aproximava a hora prevista da chegada. Os automoveis alinhados, em frente do edificio do comando, eram já em grande numero.



Após o desembarque, o primeiro abr com maior ternura do que ning

## Em nome do Exercito, o general Domingos de Oliveira abraçou o aviador

Quando Humberto da Cruz saia da «mess», chegavam ali os srs. brigadeiro Silveira Castro e coronel Norberto Guimarães, respectivamente director e inspector da aeronautica, que o saudaram efusivamente.

Chegava sempre gente para abraçar o intrepido piloto: aviadores da Amadora, o comandante Rosado, director da Aeronautica Naval, um ajudante do ministro da Guerra, em nome do sr. coronel Passos e Sousa, o tenente-coronel aviador Ribeiro da Fonseca, o aviador civil Luiz Rau, Frederico Burnay, outros oficiais do Exercito, amigos pessoais e muitos curiosos.

Entretanto aterravam no aerodromo 3 aviões de Sintra e 5 de Alverca, cujos tripulantes acorriam a abraçar o seu camarada. Pouco antes das 14 horas, chegaram a mãi e a esposa de Humberto da Cruz que com ele trocaram, por entre o entusiasmo de todos os presentes, longas e afectuosas saudações.

A's 14 e 30, um clarim anunciou a chegada do governador militar de Lisboa sr. general Domingos de Oliveira, que se fazia acompanhar pelo chefe do Estado Maior sr. coronel Arrobas Machado.

Ao apear-se do seu automovel o sr. general Domingos de Oliveira abraçou demoradamente o tenente Humberto da Cruz e apertou a mão ao mecanico Lobato, abraçando-o tambem com entusiasmo. Eram as saudações do Exercito aos bravos tripulantes do «Dili».

Em seguida, todos se dirigiram novamente para a «mess», onde foi servido um «Porto de Honra».

Visivelmente comovido, com os olhos razos de lagrimas, o major Pinheiro Correia apenas poude proferir breves palavras de saudação.

Disse que Humberto da Cruz e Antonio Lobato tinham sabido honrar nobremente a aviação portuguesa, demonstrando que os nossos aviadores são bem dignos do material de que necessitam. Preconizou a efectivação de viagens desta natureza, em esquadrilha e determinadas pelas estações competentes, terminando por saudar, em nome do Grupo da Amadora, os seus dois valorosos subordinados.

Falou depois o sr. dr. José Pontes,

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES T. S. F.
O LABORATORIO mais completo do pais
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

No São Luiz: Um filme célebre, com a maior cantora do mundo
UMA NOITE DE AMOR
A "CARMEN", a "TRAVIATA" e "MADAME BUTTERFLY" cantadas por GRACE MOORE, a mais linda voz da tela!

Dr.ª Laurinda Alambre
Doenças das Senhoras. Partos
Rua Garrett, 74 sjl—Das 3 ás 6—Tel. 20524
Largo Dr. Afonso Pena, 19-rlc—Das 12 ás 2
Telef. 4 8424

REA A TIMOR

# ens ao piloto do "Dili"

## a pista, perante uma formatura

## a do governador militar de Lisboa

ço é para a mãi do aviador, que viveu
em as horas emocionantes do vôo

em nome da Imprensa. Num discurso caloroso e entusiastico, destacou o significado e a importancia da viagem e afirmou a sua convicção de que o governador militar de Lisboa não deixará de exercer sobre quem de direito, a sua alta influencia, para que a aviação tenha aquilo que estes homens mais uma vez demonstraram, que ela bem merece.

Terminou por dizer que o feito levado a cabo, fez ouvir o nome de Portugal através de meio mundo e honrou-nos a todos, saudando por isso, mais uma vez, os seus realizadores.

Em seguida o sr. general Domingos de Oliveira, proferiu um pequeno brinde, cumprimentando os tripulantes do «Dili» e informou que hoje mesmo trataria junto do sr. ministro da Guerra da proxima realização de uma viagem em esquadrilha a uma das nossas colonias de Africa, tal como fôra requerido oficialmente por determinada unidade de aviação.

Por ultimo Humberto da Cruz disse do seu agradecimento a todos, falou com entusiasmo do auxilio que o seu mecanico lhe dispensou sempre e afirmou que lhe foi extremamente grato ouvir, por terras distantes, o nome de Portugal, do seu chefe do Estado e do seu presidente do Conselho.

Por entre uma vibrante salva de palmas, foi encerrada aquela pequena festa, dirigindo-se depois todos os presentes para o aerodromo.

### Uma cerimonia oficial
#### no meio do aerodromo

Ia efectuar-se uma cerimonia oficial, num genero, que pela primeira vez se faz em Portugal. Os aviões estavam alinhados em duas filas paralelas e junto deles oficiais e soldados em formatura impecavel. Junto do «Dili» em cuja fuselagem rebrilhava um arrogante dragão, que em Macau lhe pintaram, postaram-se os seus tripulantes.

Um clarim deu o toque de sentido. Fez-se silencio. Choviscava. O ajudante da unidade, tenente Pires, leu então em voz forte e pausada, a «Ordem do Dia», em que o major Pinheiro Correia louva o tenente Humberto da Cruz e o sargento-ajudante Antonio Lobato, pelo serviço relevante que prestaram á Patria e á sua arma.

Finda a leitura, o que provocou um momento de profunda emoção o clarim deu o toque de «á vontade» e o aerodromo retomou a sua vida normal.

Humberto da Cruz era novamente abraçado, enquanto alguns aviões largavam para as suas bases e o povo rodeava, interessado, o pequeno «Dili».

### A caminho de Lisboa

Organizou-se então, dentro do aerodromo, o grande cortejo de automoveis, a caminho de Lisboa.

No carro da frente, seguiam Humberto da Cruz, o general Domingos de Oliveira e o major Pinheiro Correia e no segundo o mecanico Lobato com alguns camaradas. Nos outros iam numerosos aviadores e outras entidades. A caminho de Lisboa, os tripulantes do «Dili», foram alvo, em diversos pontos do trajecto, de entusiasticas manifestações.

### Na Camara Municipal

A marcha do cortejo automobilistico, a partir da avenida da Liberdade, foi muito dificil porque a multidão rodeou os veiculos em que vinham os tripulantes do «Dili», demorando-os, sobretudo no Rossio e na rua do Ouro.

No largo do Pelourinho, estacionavam de ha muito, para lá dum cordão de Policia, sob o comando superior do sr. capitão Maia Loureiro, algumas centenas de pessoas que a chuva não conseguiu arredar.

Um avião evolucionou demoradamente sobre o povo.

A's 17 horas, a multidão agitou-se. Eram os dois bravos rapazes que chegavam, entre palmas entusiasticas e o vôo de numerosas pombas sobressaltadas pelo ruido.

Humberto da Cruz e Gonçalves Lobato foram saudados á porta pelos vereadores srs. Luiz Pastor de Macedo e Saraiva Vieira e, entre delirantes aclamações das numerosas pessoas que se encontravam nas galerias do corpo central do Municipio, entraram no salão nobre, onde se encontravam, alem de todos os vereadores, os srs. ministro da Geurra e sub secretario do Estado das Colonias, numerosas entidades oficiais e particulares e a familia dos tripulantes do «Dili».

O engenheiro Carlos Santos presidente da comissão administrativa do Municipio, saudou em nome da Cidade o valoroso aviador e o mecanico Lobato, tendo salientado quanto representa de patriotismo e de perfeição tecnica o «raid» do «Dili».

«Propriamente como «raid» aeronautico, —disse—a viagem do tenente Humberto da Cruz é notavel, porque totalizou mais de 40.000 quilometros, ou seja mais do que a volta á Terra, pelo equador. Caracterizou-se, sobretudo, pela regularidade e precisão matemática com que foi levada a efeito, demonstrando a pericia e a competencia do aviador, já hoje, um dos mais altos valores da nossa Aviação, com lugar merecido entre os estrangeiros mais considerados.

E terminou assim:

—Ao tenente Humberto da Cruz, que é um dos mais estudiosos, inteligentes e sabedores oficiais da nossa Aviação, e ao seu companheiro, o distinto 1.º sargento Lobato, apresento, pois, em nome da cidade de Lisboa, em nome da Nação, os cumprimentos de Boas-Vindas.

Seguidamente o tenente Humberto da Cruz contou como, numa festa no Norte, em que ouviu aclamar com delirio Oliveira Salazar, pôs a ideia duma viagem a Timor—viagem de propaganda nacional, num avião a que tencionava dar o nome de «Salazar».

Evocou o esforço enorme que teve de realizar para conseguir o dinheiro necessario para as despesas da viagem (apenas 60 contos!) e para a compra do aparelho, dizendo que oportunamente esclarecerá a razão pela qual, este saiu de Lisboa sem nome, e sem nome voou até que, para aceder aos desejos do governador de Timor, o baptizou com o de «Dili».

Relatou diversos episodios da sua viagem, mostrando como ela, bem como todas as que se fizerem ás colonias portuguesas com ou sem bandeira, serviu bem o prestigio e os interesses de Portugal.

Humberto da Cruz explicou ao sr. ministro da Guerra o desagradavel incidente da prisão em Bushire (Persia), tendo tanto ele como o mecanico Lobato sido entusiasticamente aplaudidos pela multidão, ao assomar á varanda da Camara.

## O vôo de Kingsford Smith

LOS ANGELES, 21. — Levantou esta manhã vôo com destino a Nova York o aviador australiano Charles Kingsford Smith. — (United Press).

## A reorganisação do exercito chinês

PEQUIM, 21. — O Congresso do Kuomintang aprovou o plano apresentado por Chang Kai Chek, acêrca da organização do Exercito, o qual tomará uma feição moderna e maior eficiencia. — (Americana).

## Comboios electricos na Italia

ROMA, 21. — No começo do ano entrarão em funcionamento alguns combois electricos, que poderão alcançar 160 quilometros á hora.—(Americana).

## Feira Modelo, em Cascais

E' amanhã, ás 15 horas, que se inaugura, no Palacio Municipal de Cascais, a Feira Modelo, promovida pela Comissão de Propaganda daquela vila.

Varias firmas do concelho de Cascais, Oeiras e Lisboa apresentam ali os seus produtos, em artisticos «stands».

## Lotaria do Natal

**Previne-se o publico de que a extração da Lotaria do Natal, que se realiza no sabado, ás 14 horas, e cujo premio maior é de 6.000.000$00, será radiodifundida pela Emissora Nacional.**

## DESPORTES

# O protesto do União

### e as resoluções

## do Conselho Tecnico da A. F. L.

O Conselho Tecnico da A. F. L. reuniu ontem, tendo comparecido na sede da Associação, o arbitro sr. Antonio Carvalho, a fim de ser ouvido acerca da reclamação do União.

O arbitro, na presença do Conselho Tecnico e do director do Colegio, sr. Pancada da Silveira, respondeu ás preguntas que lhe foram dirigidas.

Tendo-lhe sido preguntado se chamou a atenção de Dyson para o facto de ter entrado no campo sem aviso, o arbitro respondeu ter usado, consoante as Regras, da pena de «advertencia».

Ora, a advertencia do arbitro representa a sanção oficial da sua entrada.

Nós não estivemos no campo de Santo Amaro. Mas se o arbitro, logo após a entrada de Dyson, o «advertiu», sem duvida alguma as disposições legais foram cumpridas.

Repetimos—a advertencia do arbitro ao guarda-rede é a sanção oficial da sua entrada, e até, da troca de guarda-redes.

Ao que parece, no entanto, o Conselho Tecnico da A. F. L. resolveu propor a anulação do encontro Sporting-União.

O nosso colega «Diario de Noticias» refere-se assim a essa decisão:

«A' direcção da A. F. L. incumbe agora ratificar ou não o parecer do Conselho Tecnico.

Habitualmente, as propostas do Tecnico têm sempre o acôrdo dos directivos. Todavia, não podemos deixar de salientar o precedente que se abrirá dando curso a espiritos como o que motivou este protesto, o qual só pode denominar-se estravagante».

* * *

Não se realizou ontem o anunciado treino da selecção de «foot-ball» de Lisboa.

A Associação esqueceu-se de avisar que o jogo não se realizaria.

Isso trouxe, como consequencia, a deslocação de muitos aficionados ao Estadio do Lumiar.

Os clubes não dispensaram os jogadores, e os tecnicos, á excepção de Romão Ferreira, não compareceram, certamente por já se encontrarem avisados.

* * *

Ontem, na séde do Colegio de Arbitros, o juiz de campo, sr. Militão de Sousa, realizou uma breve palestra, cheia de ensinamentos e de curiosidade.

* * *

Realiza-se no proximo domingo, ás 9 horas, no campo das Salesias, o primeiro treino para apuramento da selecção lisboeta de «handball» que jogará, em 6 de janeiro, contra a selecção do Porto.

Foram convocados os seguintes elementos—Serzedelo, Torres Pereira, Lanceiro, Fontainhas, Natividade, Paulos, Macedo, Vasco Magalhães, Cesar Vitorino, Abreu, Reis, Campos, Lucas, Avilez, Lago, Vidal, Vasconcelos, Gouveia, Eckel, Cruz Pereira, Wendling, José Manuel Martins, Lage David, Mega e Amadeu.

## "Corinto y Oro,,

O Grupo Tauromaquico Sector 1, para satisfazer o pedido de varios dos seus associados e dos aficionados em geral, conseguiu que Corinto y Oro, o notavel mestre da critica tauromaquica, realize hoje, no teatro do Gimnasio, uma nova «charla» subordinada ao titulo «Toureiros da actualidade». Esta conferencia realizar-se-á em um dos intervalos do programa das artistas Maria Esparza e Pilar Cavero.

## William M. F. Stilwell

O governo português acaba de agraciar com o oficialato da Ordem Militar de Cristo, o sr. William Stilwell, antigo official do Exercito inglês, que foi durante a Grande Guerra, um activo agente de ligação com o Exercito português. O sr. William Stilwell que ha muitos anos vive entre nós, é um grande e dedicado amigo de Portugal, pelo que bem digno se tornou da homenagem recebida.

Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons productos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ!

No TIVOLI: UM FILME ASSOMBROSO!
O HOMEM INVISIVEL
O celebre romance de Wells numa maravilha cinematográfica que nunca mais esquece

Joias genero antigo
Lindos modelos a preços baratissimos — Grande sortido
Ourivesaria: SANTOS CATITA, Lda
R. EUGENIO DOS SANTOS, 44

GRANDE MARCA PORTUGUEZA

PRODUCTOS VINICOLAS DE INSUPERAVEL QUALIDADE

CASA FUNDADA EM 1898
LAMÊGO-PORTUGAL

AGENCIAS

| LISBOA | PORTO |
|---|---|
| BENARUS, L.da | A. LUCENA |
| R. do Emenda 100 | R. Bomjardim-380 |
| TELEF 2 5674 | TELEF 1715 |

VINHOS ESPUMANTES NATURAIS

---

*Todos os que* ***empregam***

# LUMIAR

A LÂMPADA PORTUGUESA

***reconhecem*** *que*

**dá boa luz**
**consome pouco**
**dura muito**

# LUMIAR

é a verdadeira lâmpada económica

A nossa Secção Técnica está à sua disposição para qualquer demonstração

A Fábrica está patente ao público todas as terças-feiras, das 14 às 16 h.

AVENIDA 24 DE JULHO, 158 / LISBOA

---

# Campião & C.ª

Rua do Amparo, 116

## Grande Lotaria do Natal

**Extracção a 22 de dezembro**

**Premio maior**

## 6.000.000$00

| | |
|---|---|
| Bilhetes a..... | 1.600$00 |
| Meios a..... | 800$00 |
| Quartos a..... | 400$00 |
| Decimos a..... | 160$00 |
| Vigesimos a..... | 80$00 |
| Cautelas a..... | 21$00 |

Pelo correio mais **$80** para registo

Pedidos aos cambistas

# Campião & C.ª

---

## ANUNCIO

Pelo Juizo de Direito da 2.ª Vara da Comarca de Lisboa, 4.ª Secção se faz saber que correm editos de 30 dias a contar da 2.ª publicação deste anuncio, citando Maria Emilia Fernandes, moradora em parte incerta e cujo ultimo domicilio foi na rua Leandro Braga, n.º 34-1.º, desta cidade, para os termos da acção de divorcio, com assistencia judiciaria, que lhe move seu marido Alexandre Apolinario das Mercês. A impugnação deve ser deduzida no praso de 20 dias depois de decorrido o dos editos.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1934.

O Chefe da 4.ª Secção,
*Antonio Sampaio de Andrade*

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito
(a) *Artur A. Ribeiro*

---

**Sortes grandes?**

só a casa COSTA L.DA as vende

**75 — Rua de S. Paulo — 77**

---

# CARTAZ

## TEATROS

*Nacional*—A's 21 e 30—«Sol Poente»
*Trindade*—A's 21 e 30—«O menino virtuoso».
*Avenida*—A's 21 e 30—«O amor... é o diabo».
*Gimnasio*—A's 21 e 30—Variedades.
*Variedade*—A's 20 e 45 e 22 e 45—«O Chico das Pêgas».
*Coliseu*—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do Mundo».

## CINEMAS

*S. Luiz*—A's 21 e 30.
*Tivoli*—A's 21 e 30.
*Politeama*—A's 21 e 30.
*Condes*—A's 21 e 15.
*Central*—A's 21 e 30.
*Odéon*—A's 21 e 15.
*Olimpia*—Das 14 e 30 ás 24.
*Chiado Terrasse*—A's 21 e 15.
*Royal-Cine*—A's 21 e 15.
*Capitolio*—A's 21
*Palacio*—A's 21 e 30.
*Paris Cinema*—20,45—R. Domingos Sequeira.

## Curso de Psicologia Individual

Hoje, pelas 21 e 30 a sr.ª Cógan-Miguéis realiza na séde da Sociedade de Estudos Pedagógicos, na rua da Fé, 53, 1.º, uma lição de Psicologia Individual subordinada ao tema: «Psicologia da criança: Influencia do lugar, que ocupa na ordem familiar, sobre a sua constituição quimica».

---

**De 7$60**

Optimo café.
Saboroso e saudavel.
Tão bom, pelo menos, como aquele que qualquer outra casa vende a 10$00 e muito melhor que o de 12$00 das mercearias.
Quem o usa, já o conhece.
Quem o não use, uma prova o convencerá.

**A MARIAZINHA**

RUA BARROS QUEIROZ, 26 e 28

(Travessa de S. Domingos)

---

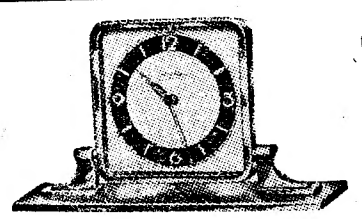
Contra **Constipações, Gripes, Bronquites,** etc

— USE —

# PURIFO

e o seu **VAPORIZADOR ELECTRICO**

---



**Para o brinde que deseja um despertador do**

# Torroaes

**é admiravel.**

**119 — RUA DA PRATA — 123**
**Telef. 2 4210**

---

# FABRICA DE CORTUMES

— DE —

**JOSÉ MARIA ESTEVES COLUNA**

**Solas, cabedais, carneiras, e capicuas.** **FABRICO ESPECIAL**

**Beira-Baixa — MAÇÃO**

---

# A Prestações

**Os melhores brindes de**
**NATAL E ANO NOVO**

**São:**
**Candeeiros; Radiadores; Aparelhos T. S. F.; Banheiras; Esquentadores, etc.**

**ARMAZENS LUX, L.DA**

***146, RUA AUGUSTA, 148*** **Telefone 2 2952**

---

**Antiga "Casa Rafael"**
**Suc. EDUARDO RIBEIRO LOPES**
**CARNES**

Uma das mais antigas no genero, fornecedora dos principais hoteis e restaurantes de Lisboa.—Telef. P. B. X. 2 2115.

**Escritorio: R. da Betesga, 41, 1.º — Talho e Salsicharia: R. da Betesga, 100-101**

**ENCERADOS**
PARA VENDA E ALUGUER TODAS AS DIMENSOES AOS MELHORES PREÇOS
**JORGE SIMOES**
**23, Rua Vitorino Damásio, 24**
(ao Jardim de Santos)
TELEFONE 2 2263 — LISBOA

# ESTRANGEIRO

**Compre joias**
**na Casa Nascimento & Pinto**
onde encontra um sortido que encanta pela sua distinção, qualidade e preço.
Compra-se pelo seu justo valor, brilhantes, pratas de arte e usadas, ouro, moedas, etc.
R. DO AMPARO, 106 a 108 (ao Rossio)

## O PLEBISCITO DO SARRE

### A distribuição das forças do exercito internacional

SARREBRUCK, 21.—O contingente inglês do exercito internacional ficará, na sua maior parte, em Sarrebruck. Alguns destacamentos já foram para Bexbach e Neunkirchen. As forças holandesas serão distribuidas pela capital do territorio e por Sain Inglebert. As tropas suecas serão aquarteladas em Merzig, Mettlach e Beckingen. As forças italianas ficarão em Sarrebruck e nos arredores.—(Americana).

LONDRES, 21.—Uma parte do contingente britanico que fará parte da força internacional do Sarre partiu a noite passada de Catterick para Dover, onde tomará o barco para Calais.

O contingente sueco partiu ontem para o Sarre, depois de ser passado em revista pelo rei Gustavo.—(Havas).

HAMBURGO, 21.—Chegou ontem o primeiro grupo de sarrenses que vivem no ultramar e que vêm votar no plebiscito do Sarre.—(Havas).

## A GUERRA NO CHACO

LONDRES, 21.—O governo britanico informou o «Comité» Consultivo do Chaco que possuia informações seguras que provam que tanto a Bolivia como o Paraguay continuam a receber munições de países estrangeiros, e pede que o mesmo «comité» tome as providencias necessarias á manutenção do embargo recentemente concluido.—(Havas).

## A Inglaterra e a Irlanda

LONDRES, 21.—Causou grande sensação em Inglaterra a recente declaração de Valera, segundo a qual «em breve no Estado Livre ninguem será mais subdito britanico». Discutido o caso na Camara dos Lords, Lucan, em nome do governo, limitou-se a declarar que as medidas propostas por De Valera eram contrarias ao disposto pelas conferencias imperiais.—(Havas).

## As ultimas horas dum condenado

BARCELONA, 21.—A cela contigua á que se encontra o condenado á morte Ortiz, foi armada em camara ardente. O carrasco encontra-se já na prisão. A execução deve efectuar-se ás 15 horas. O condenado assinou com grande serenidade a intimação da sentença.—(Havas).

**Malinhas para senhora**

Os ultimos modelos de Viena d'Austria são apresentados pela **Casa das Malas**. Nesta casa encontrareis: artigos luxuosos a preços razoaveis e artigos baratos de qualidade superior.
110, Rua da Prata, 114, á esquina da R. de S. Nicolau.

**ASSIS BRAZIL** (doce e sêco)
**PRIMEIRA RESERVA** (doce)
**EXTRA RESERVA** (meio doce)
**Grandes Espumantes Naturais**
da REAL COMPANHIA VINICOLA DE NORTE DE PORTUGAL
Vendem-se em todas as boas casas e na Filial de Lisboa
**Rua do Alecrim, 119 a 121**
Telefone 2 2556
**Atenção!**
Sem concorrencia possivel!
A REAL COMPANHIA possui as maiores instalações do País, e da Peninsula, para *espumantes naturais*. A sua cave tem mais de 500 metros de comprimento.
Exportação para as Colonias e Estrangeiro em concorrencia com os mais afamados produtos da Champagne!
**Muita atenção!!**
Prefira sempre os **ESPUMANTES NATURAIS** da REAL COMPANHIA.

## O governo espanhol

### está ameaçado de crise

MADRID, 21.—O presidente do Conselho e a maioria governamental não estão satisfeitos com a forma como decorreu a eleição do presidente do Tribunal de Garantias Constitucionais, pois, embora o candidato governamental fôsse eleito, onze deputados agrarios votaram noutro candidato.

Por outro lado, os deputados agrarios têm atacado o ministro da Instrução com tal violencia, que a situação deste se tornou insustentavel no seio do gabinete. Se as circunstancias se não modificarem, dar-se-á não uma simples recomposição ministerial, como se previa, mas sim uma crise mais extensa.—(Havas).

### Uma grave desinteligencia

MADRID, 21.—Durante o Conselho de ministros de ontem, o presidente da Republica manifestou-se absolutamente contrario ao projecto de lei relativo á reorganização do Supremo Tribunal, que o governo considera indispensavel.—(Havas).

## O 25.º aniversario da coroação

### do rei Jorge V

LONDRES, 21.—MacDonald declarou esta manhã na Camara dos Comuns que as cerimonias a realizar por ocasião do 25.º aniversario da subida ao trono do rei Jorge V, começarão em 6 de maio por uma missa em acção de graças que se celebrará na catedral de S. Paulo, á qual assistirão os soberanos e todos os membros da familia real. Jorge V receberá nesse momento o corpo diplomatico acreditado em Londres, assim como os representantes dos Dominios britanicos.—(Havas).

### Vida diplomatica

BRUXELAS, 21.—O rei e a rainha receberam o ministro de Portugal e sua esposa, que lhe apresentaram as suas despedidas.—(Havas).

## O trafego dos armamentos

### e as irregularidades que se descobriram numa repartição americana

WASHINGTON, 21.—Baruch entregou á Comissão de Inquerito aos Armamentos copia das suas declarações acêrca dos rendimentos de 1918-1919 que, conforme noticiámos, desapareceram da repartição onde deviam encontrar-se. Baruch declarou que eram mesquinhas e injustas as suspeitas da comissão a seu respeito. Como a Repartição dos Impostos informasse que normalmente as declarações são queimadas, depois de utilizadas, um dos membros da comissão requereu que se sustasse a queima dos processos e que o inquerito se alargue a todos os membros da Repartição das Industrias de Guerra, de que Baruch foi presidente.—(Havas).

## A situação politica na Romenia

### mostra-se confusa

BUCARESTE, 21.—A substituição do general Antonesco, na direcção do Estado Maior, e a larga difusão que teve o memorandum de Maniu, em que este faz a historia dos acontecimentos da restauração de junho de 1930, começam a provocar polemicas. Um dos mais importantes jornais, o «Universul», que tem por director um ex-ministro liberal simpatico ao Partido Governamental, ataca o governo Tataresco e protesta energicamente contra a censura, cada vez mais apertada, imposta á Imprensa desde o assassinio de Duca. Correm boatos diversos, mas embora a situação seja confusa, os circulos governamentais continuam a encarar o futuro com confiança e sem inquietação.—(Havas).

### O problema de Dantzig

DANTZIG, 21.—Foi retirada a «carta de trabalho» não só aos trabalhadores do porto que não estão filiados no partido nazi, mas tambem aos operarios polacos.—(Havas).

## Lloyd George vai chefiar

### o Partido Trabalhista?

LONDRES, 21.—Lloyd George, cujo afastamento da politica se anunciou ha pouco, decidiu retomar a sua actividade, de maneira que se antevê sensacional: lançando um plano de reconstrução, para a Inglaterra, semelhante ao de Roosevelt para os Estados Unidos. O velho estadista está a concluir o seu programa, de colaboração com um grupo de banqueiros, de industriais e de técnicos de toda a ordem. Esse programa, que compreende parte das aspirações do Partido Trabalhista, inclui a nacionalização do Banco de Inglaterra.

Admite-se que Lloyd George, depois de um discurso que pronunciará em janeiro, ingressará no Partido Trabalhista, que talvez o faça seu chefe. Sabe-se que é este o desejo do celebre homem de Estado. Alguns jornais frisam que Lloyd George não pode suportar a solidão da sua quinta de Churt, no Surrey.—(Americana).

**Todo o publico quere ver os numeros novos da fantasia "O FIM DO MUNDO"**
**Hoje: duas sessões no COLISEU**

*As horas de maior esplendor, de maior alegria e embevecimento, de maior encanto e animação passam-se agora no Coliseu, todas as noites, em qualquer das duas sessões, ás 20 e 30 e ás 22 e 45, em que se representa a grandiosa fantasia «O Fim do Mundo».*

*Hoje vai o publico admirar os numeros novos, sensacionais, tão justamente aplaudidos pelo publico e que têm atraido outra vez ao Coliseu os milhares de pessoas que tinham visto esta gloriosa peça, apenas na sua primeira fase. Os bailados «Valsa Classica e Acrobatica» e «O caçador e a pantera», pelos assombrosos artistas Diane, Billi Ryaux & Wild, os melhores bailarinos acrobaticos que nos têm visitado; as novas rabulas de engraçadissima critica, por Joaquim Prata e os bailados de Aida & Diamond e as «girls», constituem suficiente explicação para o crescendo entusiasmo que o publico manifesta por esta peça, além do motivo dos preços, que são baratissimos. Domingo, ás 15 e 30 ha «matinée», encontrando-se já amanhã os bilhetes á venda.*

**O melhor Brinde**
Só na Relojoaria
**AGUIA D'OURO**
Rua do Ouro, 194
**LINDOS RELOGIOS DE PULSO DESDE: 85$00**
**GRANDE SORTIDO EM DESPERTADORES DE FANTASIA**

**EXPOSIÇÃO SINGER**
**Na Praça dos Restauradores, 60, a COMPANHIA SINGER inaugura, amanhã, uma exposição de trabalhos a lãs confeccionados com o aparelho "SINGERCRAFT" nas suas maquinas de costura. Todos os trabalhos expostos foram totalmente executados pelas alunas dos seus cursos gratuitos de bordados**

**EXPOSIÇÃO DE FAIANÇAS E AZULEJOS ARTISTICOS**
**Inaugura-se amanhã, dia 22, no Deposito da Fabrica de Sant'Anna**
**Rua do Alecrim, 95**
**TELEFONE 2 2537**

**Brindes de Natal**
Malinhas de senhora
**Carteiras para homem**
**Pastas e bolsas para moedas**
**Casa das Carteiras**
**100, Rua da Prata, 100**

## CAMBIOS

| CHEQUE SOBRE | Compra | Venda |
|---|---|---|
| Londres | 110$00 | 110$15 |
| Paris | 1$47,0 | 1$47,2 |
| Madrid | 3$04,9 | 3$0,53 |
| New-York | 22$28,1 | 22$31,2 |
| Zurich | 7$21,9 | 7$22,9 |
| Roma | 1$90,6 | 1$90,8 |
| Bruxelas | 5$21,5 | 5$22,2 |
| Amsterdão | 15$07,3 | 15$09,4 |
| Berlim | 8$95,4 | 8$96,6 |
| Praga | $93,2 | $93,3 |
| Rio de Janeiro | 1$48,9 | 1$49,1 |
| Libra ouro | — | — |

**Henrique de Barros Gomes**
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

JOALHARIA LORY
ROSSIO 40
Transformação de joias em platina ou genero antigo. Concertos em joias, pratas e relogios. Oficinas proprias. Desenhos e orçamentos mesmo para a Provincia e Colonias

# ULTIMAS NOTICIAS

ODEON e PALACIO
Duas super-produções
CASAR POR AZAR
Recordar é Viver

## O processo de "Miss Portugal"

### foi ganho em ultima instancia pela Renascença Grafica

**Foi hoje julgado, no Supremo Tribunal de Justiça, o recurso do acordão da Relação, vencido pela Renascença Grafica e por «Miss Portugal 1930», sendo-lhe negado provimento.**

**No momento proprio, que não deve tardar, dedicaremos a esta questão, que tanto apaixonou a opinião publica e interessou a jurisprudencia, desde a primeira á ultima instancia, a importancia que merece, com honra para os nossos tribunais.**

**Os advogados da Renascença Grafica foram os srs. conselheiro Martins de Carvalho e dr. Ramada Curto, a quem desde já apresentamos os nossos mais sinceros agradecimentos.**

**Presidiu á sessão o sr. conselheiro Americo Guilherme Botelho de Sousa; foi relator o sr. conselheiro Eduardo Santos e vogais os srs. conselheiros Diogo Crispiniano da Costa, José Maria Cipriano Pereira da Silva, José da Silva Monteiro e Manuel José Mendes Arnaut.**

## O homem que apareceu morto

### na rua do Conde de Redondo

O agente Baptista concluiu hoje as investigações referentes áquele individuo chamado Antonio da Costa Ferreira, que foi encontrado semimorto na rua Conde de Redondo e sobre o qual passaram dois automoveis que lhe partiram as costelas e lhe fracturaram o cranio.

Apurou-se que na ocasião em que o caso se deu o nevoeiro era tão denso que só com dificuldade se poderia vêr qualquer vulto á distancia de mais de três metros, não tendo, portanto, responsabilidade o «chauffeur» do primeiro carro que passou por cima da vitima e cuja identidade a Policia procura descobrir. O «chauffeur» do segundo carro que igualmente atropelou, Mario Nicolau Fragoso da Silva, foi hoje restituido á liberdade.

## Queriam linchar um preto

### e morreram quatro brancos

SHELBYVILLE, (Estado de Tennessee), 21. — Em consequencia dos ferimentos que recebeu por ocasião do tiroteio que se travou entre a Policia e a multidão exaltada que queria invadir a sala do tribunal onde estava a ser julgado um preto acusado de ter violentado uma branca, faleceu, esta madrugada, no hospital desta cidade, John Dood. O numero de mortos eleva-se, assim, a quatro.

Os prejuizos causados pela multidão enraivecida por não ter conseguido o seu objectivo, que era de linchar o preto, elevam-se a cento e cinquenta mil dolares. — (United Press).

## UM ARTIGO DE MACDONALD

### acêrca do desarmamento e da manutenção da paz

LONDRES, 21.—O primeiro ministro inglês, MacDonald, num artigo que publicou recentemente na revista trabalhista «News Letter», escreve: «A ultima guerra não nos conduziu a uma era em que as espadas possam tornar-se charruas. A experiencia mostrou-nos que o desarmamento não foi um factor de paz. Se a Conferencia do Desarmamento não conseguir chegar a um acôrdo internacional, a Gran Bretanha deverá prosseguir nos seus esforços para assegurar a paz».—(Havas).

## A casa Citroen continua

### a sua laboração

**PARIS, 21.—O Tribunal do Comercio deferiu o requerimento da Sociedade Citroen pedindo o beneficio da liquidação judiciaria, continuando a fabricação e as vendas de automoveis, apenas sendo encerrados os seus escritorios e oficinas de 23 do corrente a 3 de janeiro para organização do inventario.—(Havas).**

## A FESTA DA CRIANÇA

## Repetiu-se hoje

### o peditorio dos estudantes

Com o mesmo entusiasmo do anterior, realizou-se hoje um novo bando precatorio de estudantes das Faculdades, Liceus e Escolas Superiores de Lisboa, a favor da «Festa da Criança».

A organização do cortejo começou a fazer-se ás 12 horas no Parque Eruardo VII e, duas horas e meia depois, sob a direcção dos srs. Anibal Contreiras e dr. Mario Monteiro, que á «Festa da Criança» têm dedicado o melhor dos seus esforços, iniciava-se o desfile com o seguinte itinerario: avenida da Liberdade, Rossio, Chiado, Camões, calçada do Combro, S. Bento, Rato, [illegible] Marciano, Avenidas Novas, etc.

Abriam o cortejo 36 burros montados por outros tantos academicos, seguindo-se grupos de estudantes com as capas abertas, o camion de sons da Companhia dos Telefones, estandartes da «Festa da Criança» e, a fechar, os três camions com mais estudantes ainda.

Durante o percurso, muitos estudantes—rapazes e raparigas—angariavam donativos em dinheiro, recolhendo-o em caixas de folha, emquanto outros recebiam nas capas objectos de vestuario.

A' noite, varios grupos de rapazes, envergando vistosos trajos de «mandarins», «cossacos» etc., visitarão as casas de espectaculos da capital, com o fim tambem, de recolher dnativos.

No S. Luiz deve representar-se na proxima segunda-feira em «matinée», o «Auto do Natal», escrito propositadamente para as crianças pobres pelo sr. dr. Mario Monteiro, com musica do mastro Wenceslau Pinto.

## Um assalto audacioso

### de bandidos americanos

FILADELFIA, 21—Cinco bandidos armados de pistolas-metralhadoras e capitaneados pelo celebre criminoso norte-americano **Roberto Maiser** entraram em pleno dia nos escritorios da Filadelfia Electric Cy. desta cidade e roubaram 48.500 dolares, depois de terem obrigado a lançarem-se pelo chão 60 empregados que ali trabalhavam. Na ocasião em que os bandidos retiravam foi por três porteiros feito fogo sobre eles, estabelecendo-se tiroteio.

Ficaram gravemente feridos três empregados. As autoridades ordenaram a saida imediata de varias brigadas de agentes especiais que tomaram lugar em auto e motos a fim de dar caça aos bandidos. Foram tambem expedidos varios telegramas pedindo a captura dos assaltantes.—(U. P.)

## A AGITAÇÃO EM CUBA

MATANZAS (Cuba), 21.—De madrugada explodiram diversas bombas em varios pontos da cidade e arredores, causando 4 mortos, varios feridos e prejuizos materiais de importancia.—(United Press).

## A perda de um avião holandês

### no deserto da Siria

### Morreram 7 pessoas

**LONDRES, 21.—Os aparelhos da «Royal Air Force» encontraram esta manhã, a 10 milhas ao sul de Rutbah, no deserto da Siria, completamente queimados, os destroços do grande avião holandês que ia tentar a ligação Amsterdam-Batavia e que era nada menos que o aparelho em que Parmentier e Moel ganharam o 2.º premio da corrida Londres-Australia.**

**A tripulação, composta dos pilotos Beekman, Steenberg, do telegrafista e do mecanico, assim como três passageiros, Berety, director da Agencia de Informações «Anote»; Walch, professor da Universidade de Batavia e Port, residente em Amsterdam, estavam mortos. Presume-se que o acidente ocorreu durante a violenta tempestade que pairou sobre o deserto da Siria.—(Havas).**

## NOTICIAS DE ESPANHA

### Um assassino que se escondera dentro de uma cova

OVIEDO, 21.—As forças de assalto, numa busca que efectuaram aos suburbios desta cidade, encontraram escondido dentro de uma cova José D. Miranda, que é acusado de ser o assassino do magistrado Suárez.

José Miranda foi preso e conduzido para Oviedo, onde deu entrada num presidio militar, sendo imediatamente submetido a um longo interrogatorio. As autoridades guardam o maior sigilo acêrca das declarações do preso, negando-se a fornecer quaisquer esclarecimentos aos jornalistas. — (United Press).

### Um salteador garrotado

BARCELONA, 21.—Anuncia-se que o salteador Aranda Ortiz será garrotado ás 18 horas de hoje.

O condenado passou toda a noite bebendo cerveja e recusando-se obstinadamente a receber o sacerdote que lhe ia ministrar os ultimos sacramentos.

Na praça de Barcelona foi já levantada a guilhotina. Desde o ano de 1926 que se não registava nesta cidade um caso identico.—(United Press).

### Apreensão de armamento

CADIZ, 21.—Continua a ser apreendido nesta cidade grande quantidade de material de guerra. Esta manhã a guarda civil, numa busca levada a efeito numa casa de comidas, encontrou 12 espingardas, quatro pistolas, trinta e cinco punhais e grande quantidade de cartuchos. — (United Press).

## Uma caixa de donativos abandonada

O sr. Francisco Sales da Costa, comerciante, residente na rua da Prata, 93, 3.º encontrou ontem na escada da sua residencia uma caixa de folha, arrombada que havia servido para o peditorio da Festa da Criança. A aludida caixa, que tem o n.º 1199, foi entregue á P. I. C., sendo encarregado o agente Vasconcelos de proceder a investigações para se apurar quem a abandonou depois de se ter apoderado do seu conteudo.

## O DESARMAMENTO GERAL

## A TESE DOS ESTADOS UNIDOS

### aproxima-se do ponto de vista francês

LONDRES, 21.—Depois do adiamento «sine die» das negociações preliminares navais de Londres, Norman Davis entregou ao representante da agencia Havas a seguinte declaração, destinada á opinião publica francesa: «Ha um perfeito paralelo entre a posição americana e a francesa. Nós, os americanos, sômos absolutamente de opinião que a igualdade de segurança não significa igualdade de armamentos navais. Um dos principais objectivos da minha nação, aqui, foi estabelecer a distinção entre aqueles dois principios».—(Havas).

*O malogro das conversações preliminares para uma nova convenção naval dará, inevitavelmente, lugar ás costumadas polemicas da imprensa que servirão a pôr em confronto as duas teses opostas: americana e japonesa.*

*A nota entregue por Norman Davis procura já constituir uma base de entendimento entre as grandes democracias ocidentais (países de origem anglo saxonica e franceses), como «entente» de combate aos imperialismos francamente denunciados pela Alemanha e pelo Japão. A formula «democracias ocidentais» tem, na mecanica da politica internacional, um significado positivo e actuante que não pode ser invalidado pelo argumento de que os regimes adoptados pelos povos nenhuma influencia exercem sobre as relações existentes entre esses mesmos povos.*

*Essencialmente a doutrina niponica, no tocante aos armamentos navais, aproxima-se bastante da que os alemães defendem em relação aos armamentos terrestres. O Japão argumenta assim:*

*«Nós não opômos qualquer reserva a uma deminuição de armamentos. Mas entendemos que essa deminuição tem de partir duma base comum, fundamentada na igualdade de material. Só depois de todos terem a mesma quantidade de armas se poderá pensar em deminuir estas».*

*Os Estados Unidos opõem a este conceito, onde transparece uma avassaladora percentagem de sofismas, o principio de segurança que, como proclama o seu embaixador Norman Davis, aproxima bastante da França a grande republica «yankee»:*

*«A igualdade de armamentos, dizem os americanos, só pode conceber-se depois de regulamentada a segurança dos países mais expostos, como o nosso. A costa americana constitui um objectivo de combate que não pode sofrer comparação com as ilhas do imperio japonês. De ai a necessidade de nos assegurarmos uma percentagem de material maior e uma proporção maior de unidades».*

*A semelhança entre as duas teses, a americana no mar, e a francesa em terra ,aparece assim flagrante e constitui um fundamento razoavel para acelerar a manobra de aproximação que as ultimas declarações de Roosevelt denunciam.*

## A população do Sarre

### mostra-se hostil ás forças internacionais

SARREBRUCK, 21.—A' medida que vão chegando a esta cidade as tropas que formarão o contingente internacional encarregado de manter a ordem no Sarre durante o plebiscito, a população do territorio mostra-se cada vez mais hostil com as referidas forças, pelo que se receia que venham a dar-se acontecimentos graves durante o acto plebiscitario.

O contingente internacional que manterá a ordem nesta cidade durante noventa dias é composto de 3.300 homens.—(United Press).

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

PASTELARIA
MARQUES
CHIADO, 72 Tel. 2 3362

BÔAS FESTAS
SÓ COM AS MARAVILHAS DE
«Gianola»

BREVEMENTE:
GEVALUXE
A GRANDE NOVIDADE EM FOTOGRAFIA

PERFUMARIA DOURADO
A perfumaria que V. Ex.ª deve dar preferencia pelo seu enorme sortido e a preços completamente fóra de toda a concorrencia.
127. R. d'a Prata. 131—Tel. 20841

SEXTA-FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1934

# Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

## UM GRANDE ESCRITOR BRASILEIRO

# Quem era Humberto de Campos

**(Artigo de *FERREIRA DE CASTRO*, Prémio Ricardo Malheiro 1934)**

O passamento de Humberto de Campos não teve, em Portugal, a ressonancia que a figura literaria do eminente escritor morto justificava. Só aqueles que seguem atentamente a evolução das letras brasileiras terão sentido, doridos, a catastrofe que o telegrafo noticiou, laconicamente.

Contudo, a morte de Humberto de Campos representa uma perda enorme para a Literatura—não só para a do Brasil, mas para toda a literatura de lingua portuguesa. Apenas Coelho Neto e Afranio Peixoto usufruiam, naquele grande país sul-americano, prestigio igual ao que Humberto de Campos conquistara nos ultimos anos. Nos generos literarios a que se dedicava era considerado como o maior escritor do Brasil actual.

Humberto de Campos revelou-se como poeta e, num país onde a poesia possui tantos cultores, rapidamente os seus versos o consagraram. Depois, cultivou, simultaneamente, varios jardins literarios. O seu poliedrico talento refulgiu, cada vez mais alto, em contos, em cronicas, em ensaios, em critica literaria. A farsa e a tragedia, juntas ou isoladas, adquirem, na sua obra, intensa humanidade.

Culto e duma inquebravel probidade mental, Humberto de Campos era, hoje, um dos mais autorizados, senão o mais autorizado orientador da literatura brasileira. Livro que ele louvasse, era livro consagrado do norte ao sul do país.

Como certas paginas da sua obra, a sua vida foi um longo drama.

Filho duma familia que empobrecera, Humberto de Campos nasceu no Maranhão. Aos dose anos foi aprendiz de alfaiate; depois, empregado numa mercearia. Mais tarde, tornou-se tipografo e, mais tarde ainda, pelas circunstancias da sua vida, voltou a marçano. Arrastando uma existencia dolorosa por varios Estados, conseguiu, finalmente, no Pará, ser jornalista. Rapidamente conquistou um nome no mais importante jornal de Belem. E como o desejo de todo o intelectual brasileiro é viver na capital do país, Humberto de Campos demanda, um dia, o Rio de Janeiro. Tambem ali o seu talento triunfa com rapidez. Os seus poemas e as suas cronicas tornam-no famoso. Mas isto não basta. Tem de ganhar a sua vida e a vida literaria, no Brasil, é tão pouco compensadora ou menos ainda do que em Portugal.

Humberto de Campos é obrigado a escrever croniquetas galantes, que, na maioria dos casos, não estavam á altura do seu talento. Ele assina-as com o pseudonimo de «Conselheiro X. X., mas a mascara não basta para lhe evitar compreensiveis prejuizos intelectuais. As suas extraordinarias faculdades manifestam-se, porem, noutros generos—e isso salva-o.

Elegem-no deputado e abrem-lhe as portas da Academia. Para Humberto de Campos, como para Coelho Neto, ser deputado era—segundo ele proprio o confessou num dos seus admiraveis livros de critica—a maneira de se poder dedicar, sem preocupações economicas, á realização da sua obra literaria.

Mas um dia, ele e Coelho Neto perdem os seus lugares no Parlamento e, como consequencia, a subvenção que recebiam. Então, os dois escritores têm de dispersar de novo o genio criador em trabalhos fragmentarios, em artigos e cronicas para jornais e revistas. Mas não importa. Humberto de Campos é já um nome glorioso e a sua colaboração torna-se disputada.

O primeiro volume das suas «Memorias», onde ele narra a odisseia da vida que viveu, obtém um êxito raro, senão unico em todo o Brasil. Esse livro alcança rapidamente uma eleva tiragem e, pela sua humanidade, consagra definitivamente Humberto de Campos como um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Este triunfo que as «Memorias» tiveram deve-se exclusivamente ao valor literario e humano da obra e não a qualquer especulação pecaminosa, que o caracter do trabalho permitia. Escrupuloso, Humberto de Campos chegou ao ponto de entregar á Academia o original das «Memorias» onde descrevia varios episodios sexuais da sua adolescencia, para que estes só fossem conhecidos depois dele morrer. Assim, só a nova edição que se fizer das suas «Memorias» será completa.

Depois do enorme êxito dêste livro, que lhe criou no Brasil inteiro uma unanime admiração, dir-se-ia que Humberto de Campos podia, enfim, viver em alegria, compassadora do muito que sofrera.

O destino, porém, não o quiz assim. Ele havia de sofrer mais, horrorosamente mais.

Um tumor cerebral, de lenta evolução, principia por lhe atrofiar a hipófise—glandula que regula o crescimento e a harmonia das extremidades. Prejudicada esta glandula na sua função, as mãos, os pés, as orelhas, o nariz e a lingua do grande escritor vão-se deformando. Ele adquire um aspecto monstruoso. Mas trabalha sempre, resiste sempre, com uma nobre coragem. O mesmo mal cega-o de um olho. Ele evoca, então, num dos seus trabalhos, Camões e outros grandes nomes que tinham um olho apenas — e continua a trabalhar. Esperava ficar cego do unico olho que lhe restava—e escrevia: «Cegos foram Milton, Castilho, muitos outros. Tivesse eu o valor de alguns deles!» E continuava a trabalhar.

O Brasil segue, emocionado, esta luta do homem que espera a morte a todo o instante, agora, logo, amanhã; do homem que vê a morte a destroçá-lo aos poucos, antes do golpe definitivo, e que, apesar de tudo, continua a erguer a sua obra de Beleza e de Pensamento. Então, na Baia, um grupo de professores e de estudantes lança um apêlo ao governo daquele Estado para que conceda uma pensão a Humberto de Campos. Esse apêlo não traduzia um sentido regionalista, porque Humberto de Campos era maranhense, mas sim um acto de justiça nacional.

O grande escritor pede, porém, aos seus admiradores que desistam do proposito. Fa-lo num artigo publicado na Baía, um artigo que mão amiga me enviou e que eu li com lagrimas nos olhos.

Recusa a pensão. Diz que pode ainda trabalhar. Que aprendera a escrever á maquina e que, assim, quando ficar totalmente cego, poderá continuar a trabalhar. Ha anos—afirmava—fôra obrigado a vender a sua casa e a instalar-se num **appartement**. E como tinha uma vida sobria, o produto do seu trabalho dava-lhe para viver.

E assim morreu. Só deixou de trabalhar no dia em que entrou, pela segunda e ultima vez, numa casa de saude para ser operado.

Os ultimos tempos representaram para este grande espirito uma das maiores odisseias registadas pela capacidade humana de sofrer. Mas Humberto de Campos resistiu sempre, moral e intelectualmente, á série infindavel de tormentos que foi a sua vida. Era um ser excepcional, como escritor

*(Ver continuação na 7.ª página)*

## Ferreira de Castro

*Premiado da Academia e sem premio, perante a Fortuna. Trabalha dia e noite, no seu gabinete, onde o frio nasce do soalho, dos tijolos, das paredes, das estantes e dos livros acumulados como gotas de orvalho que ainda não formam torrente. Só ele não arrefece. Talento, coração e confiança no futuro.*

*Ferreira de Castro nasceu para as letras, no Equador: o seu romance* A Selva *é uma resposta ao rio formidavel que corta a floresta virgem.*

*— Quem é mais forte, tu ou eu? — preguntou o Amazonas.*

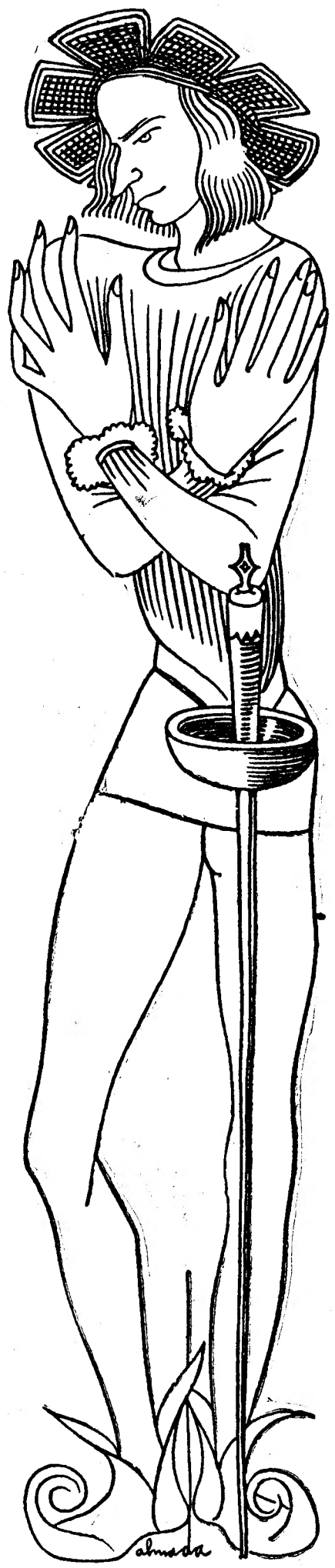
*O romancista respondeu-lhe:*

*— Tu podes mais do que eu, sem duvida, mas eu ando mais depressa que tu.*

*— Como assim?*

*— E' que chegarás onde soar o meu nome e eu sou cidadão do mundo. E' por isso que, depois de* A Selva, *vieram a* Eternidade *e a* Terra Fria *— livros escritos em português para uso de toda a gente.*

# O Caso de Hamlet, Principe da Dinamarca



*A loucura é coisa séria e imensa: não ha grão de trigo que se multiplique em riquezas como ela, na prodigalidade soberba e magnifica com que enche os cranios de maravilhas e os descampados agrestes ou os claustros abandonados de sombras eloquentes e gesticulantes.*

*O que de melhor vive na terra ou palpita num raio de luz deve-lhe o ser. Quando os cofres dos avarentos se fecham, recusando-se a atender as suplicas dos famintos ou dos namorados que querem arrombar as portas do paraiso com martelos de ouro, ela destaca-se liberalissima e espalha os tesouros de Golconda, gritando:*

*—Poetas, cavaleiros, sonhadores, soldados de fortuna, estudantes que inflamais a imaginação sobre os textos de Aristoteles, mestres que perdestes o dom da critica e adquiristes o da profecia, cantores vagabundos, artistas devorados pela febre de perfeição e mulheres em cujo ventre floriu uma grande esperança—a vós todos eu trago o pão, a graça, o arrojo e a unica liberdade que se não gasta como o azeite da lampada que alumia o solitario na sua desolação—a liberdade de criar e inventar, sem sujeição a mesquinhas regras e pesados jugos!*

*O genio é seu filho, as quimeras mais lindas e os anhelos mais puros, os rasgos de amor, bem como as parabolas que brotaram dos labios da santidade—eis os frutos das suas entranhas.*

*Quando Savanarola, em Florença, que trasbordava de luxuria, de sangue e de obras-primas, bradava nas ruas e na praça da Senhoria que se arrazasse a cidade do Pecado, quem vincava o seu perfil cortante onde os olhos acendiam fogueiras purificadoras e evangelicas? A loucura.*

■

*Shakespeeare, se o compararmos aos reis do seu tempo, aos nobres, aos ricos burgueses, á canalha, aos mercadores, aos pastores sem fé e aos juizes sem equidade, aparece-nos qual prodigioso mago, a esparzir visões tetricas e assombrosas, suaves ou graciosas, que se erguiam dos corações entorpecidos ou fatigados.*

*No país onde os invasores marcaram em cada pedra a imagem dum crime e dumu injustiça, violando, matando e roubando, ele soltou o bando alado das suas figurinhas dôces que captaram as almas em botão, antes de se mancharem na grosseria tôrva das ambições insofridas e deu corpo e voz a penhascos que traduziram em estupendas alucinações a expiação, o remorso, o terrôr e o receio nocturno das aparições que rondaram de rastos as sentinelas, nas horas bruxuleantes em que Satam recolhe as suas rêdes.*

■

*Hamlet parece ter nascido na lira dum vate irlandês—numa dessas «sagas», com o sal do mar e a nostalgia errante dos caminheiros, em que o seu vulto se delineia. A principio era um vago rosto impreciso, entre neblinas, amparado a um terno fio de aventura castelã. O seu nome escrevia-se Ameleth e Amlethus, á moda latina. Snowi Sturlason, no seculo XIII e na segunda parte da* Edda, *refere-se brevemente á lenda que o protegia contra a curiosidade poetisante dos fabricadores de historias singulares: tratava-se dum principe ou dum duque, sem côrte nem castelo, que flutuava incerto, á espera dum sopro que o animasse e fortificasse.*

*Saxão o Gramatico meteu-o na sua* Historia dos dinamarqueses: *foi um salto violento essa passagem do irreal para o real, adquirindo assim direitos de cidadão e rigor topografico.*

*A Dinamarca pegou-se-lhe aos ossos e para sempre. Signo de raça—normando. Nas suas* Historias Tragicas, *o conde de Belleforest infloulhe o torax e implantou-o no romance. Era já uma bela existencia lunar e fantastica—uma mocidade perene que resistia aos seculos e ao estilo figurado dos seus biografos.*

*Que lhe faltava, pois? O teatro, a consagração da cena que transforma um palido aventureiro sem expressão num faustoso distribuidor de perolas e de atitudes sublimes.*

*Kid, que escrevera a* Tragedia Espanhola, *encarregou-se dissq: Hamlet ascendeu á ribalta em 1589—bastante trémulo e indeciso, no seu baço colorido hiperboreo. Falava, discorria, melancolizava e ruminava longos temas para tiradas inuteis. Esteve em riscos de perder-se, nos braços da musa kidiana a que faltava o fogo que faz dos frios metais lavas em torrente.*

■

*Ficaria eternamente na categoria das larvas dramaticas? O destino não consentiu: Shakespeare, que apanhava os seus assuntos em rôtos alfarrabios—velho cronicon ou livro de contos —quando os não retirava mesmo das algibeiras de qualquer autor distraido e sem flama, lembrou-se de revitalizar o personagem de Kid. Hamlet roufenho, desastrado, batalhador e brigão, amante sem a vocação do amor, atrevido, mas falho de sorte nos botes, experimentou o prazer virgem de renascer, como em dados poemas chineses, das cinzas das suas proprias cinzas.*

*De que o privaram nos seus sucessivos avatares?*

*De loucura—a loucura sublime, santa ou heroica que vibra nos milagres do genio, talqualmente as cinzas de Dionisos nos delirios da tragedia grega. Em vez de ser cauteloso, metodico, prudente, timido e capaz de se congraçar com os miasmas dos pantanos, corre-lhe nas veias o ardôr das lutas e dos sacrificios, sem atentar no risco de provocar e levantar contra si as forças inimigas, as fatalidades insubmissas.*

*Shakespeare, á semelhança de Dostoiewsky, concebia as suas peças dentro dum plano que traçava: acontecia-lhe, porém, o mesmo que ao autor dos* Karamazov, *pois, quebrava os moldes, enquanto punha no papel o relato da cousa imaginada. Hamlet, por exemplo, devia ser um melancolico, no gosto da era isabelina, uma especie de Werther,* avant la lettre, *absorvido em meditações profundas e exalado em suspiros. A sua «resurreição» aparentou-o com tipos universais, em obediencia ao principio regulador da dramaturgia shakspeareana:—uma enormidade explicada por um absurdo.*

■

*Focando a vida que se agitava em torno dele—instintiva, brutal e vulgar—o principe da Dinamarca agia pela negação sistematica do existente, situando-se no polo oposto a todas as verdades com que prosperavam os negocios, as consciencias e as virtudes veneradas e purulentas. Ninguem o entende, porque pertence a outra esfera onde os valores se transmutam.*

*Que pretende ele dizer? Que enigmas velam o seu penasmento?*

*Na côrte murmura-se, em cada canto:*

*—Que subtilezas debate ele no animo atormentado?*

*Fatalmente: os imbecis querem pôr as cadeias da sua imbecilidade ao que não podem compreender. Hamlet era uma novidade, uma raridade, uma pedra atirada para um charco de rãs. Estas insistiam na sua teima:*

*—Se é moço, belo, culto, amavel e irresistivel, porque se envolve no misterio e na treva?*

*No seu limitado entender, a razão hamletiana naufragava num pélago insondavel. Horacio, amigo fiel como a espada que o apertava, admirava-o e adorava-o—ele unico na turba revolta dos servos escravizados ao cetro fratricida.*

*E Ofelia, o casto lirio desabrochado, em intima candura, a fragilidade mimosa da prece que sobe a Deus?*

*Pobre criaturinha feita de resignação e de adoração inclina-se para ele, num movimento quasi maternal, a fim de acalmar-lhe as turvações que ela adivinhava, além do seu horizonte recortado na fimbria do azul.*

■

*As acusações e as calunias sucedem-se:*

*—E' doido varrido! Oxalá que ele nunca venha a cingir a corôa...*

*A loucura do principe tornava-se evidente para os tardos e odientos psicologos e moralistas, como a de Jesus para a soldadesca que o crucificou. Era a loucura por elevação de nivel moral e mental, de desinteresse e generosidade que eles queriam transferir para debaixo dos seus pés.*

*—Se é diferente de nós, porque não reconhece a nossa superioridade?*

*—Homem desordenado, contraditorio, a balouçar-se na hesitação e na duvida...*

*Quantos cepticos e hereticos não feriram esta corda: a duvida de Hamlet. Nunca a incompreensão atingiu tais proporções. Por motivos iguais ou equivalentes, Socrates bebeu a fatal cicuta. O Espectro não lhe transtorna o juizo: ouve-o e interroga-o sem fraquejar. Pelo contrario: obriga-se a descobrir outros meios para se convencer da «missão» que lhe confiou.*

*O aluno da Universidade de Wittemberg, sob o esplendor da Renascença, não cede ao* magister dixit, *preferindo chegar á ciencia por laboriosas especulações. O que mais prejudica Hamlet, no conceito dos varões respeitaveis, é a sua tendencia para inquirir dos problemas que o angustiam: Deus, a morte, a eternidade, a justiça, o merito e demerito das acções, o que eleva e abate os mortais. A sua infatigavel curiosidade dá uma volta ao universo. As abobadas tremem e os pilares oscilam.*

*—Quererá ele, acaso, corrigir o plano divino?*

■

*Hamlet voga em plena actualidade: conta-se no numero dos nossos contemporaneos e será contemporaneo de futuras gerações. Nunca existiu, mas apesar disso é imortal. Entre os dinamarqueses, nenhum gosa de tanta nomeada. A sua loucura, na mesma nascente da de Socrates, D. Quixote, D. Juan ou Frei Luiz de Sousa, guia-se por uma logica inacessivel aos insignificantes em carne e osso que ousam preguntar-lhe:*

*—Acreditas em Espectros? Julgas que, cerrada a lousa sepulcral, os mortos voltam á terra?*

*Claro: os miopes responsabilizam outrem pela sua miopia, os cegos pela sua cegueira e os dementes pela sua demencia: negam ou contestam tudo o que não vêem. Se Hamlet tivesse os seus olhos, debalde a Sombra lhe apareceria, na esplanada do Castelo de Elseneur.*

*—Encarnou-se o filho de Deus, no ventre da Virgem Maria? A ciencia não admite prodigios e a minha inteligencia tambem não.*

*Assim raciocinam os que pretendem saber por experiencia, embora ignorem os limites em que se devem conter. Se o Universo assenta num absurdo para a duvida, numa violencia para o entendimento critico, para que havemos nós de medi-lo com as medidas em que a propria razão não crê? Que tudo seja posto a claro, gritam, apesar de nós cobrarmos alento de insanavel misterio.*

*Hamlet, embora as não declarasse, dispunha duma filosofia e duma teologia, que desconcertavam o rei, Polonius, e perturbava Ofelia. Os seus sarcasmos cortavam como gumes. Voltimand e Guildenstern que se aprestavam servilmente para o «enrolar», num estratagema diabolico, cairam na ratoeira que lhes era destinada. Os lampejos do seu engenho são subitos e imprevistos.*

■

*A morte inesperada do pai, espelho de reis, valente nas armas e arbitro nos conselhos, surpreende-o precisamente, no momento em que a sua mocidade se enflorava na seiva das grandes promessas.*

*Que duro e certeiro golpe! Quem o despediu?*

*Esta pregunta mortifica-o, arrasta-o para além dos seus estudos universitarios. A epiderme rosea da confiança nos mestres crestase e enruga-se. Restava-lhe a mãi—a rainha modelar que choraria, em perpetuo luto, a irreparavel perda. Como ela havia de ser fiel á memoria querida! Eis, porém, que a mulher forte verga sob o peso das lagrimas e casa apressadamente, em segundas nupcias, com o cunhado—ambicioso suspeito que anos e anos rondára o trono, minando-o e corrompendo-o no seu sacrario de afectos.*

*Hamlet exclama:*

*—E pode uma esposa trair tão desenfastiadamente a religião do lar! Quasi não deu tempo a que o peito do bravo se gelasse no tumulo...*

*A sua tortura afoga-o:*

*—Eis o veneno mortal!—e aponta Claudius, o tio sinistro e hipocrita que lhe roubára o pai, a mãi e o trono. Afunda-se em farrapos a miragem de grandesa que desejara para si: o jovem que era o orgulho estelar e pulcro da Dinamarca envelhecera em poucos dias.*

*Em segredo, o bom Horacio avisa-o:*

*—Senhor, ao bater da meia noite, a figura amargurada de vosso pai desenha-se na esplanada do Castelo!*

*Na noite seguinte, Hamlet comparece e ouve —oh ceus! oh abismos!...—a voz do Espectro que lhe revela o crime tenebroso que o prostrou e encarrega-o da vingança:*

—Revenge his foul and most unnatural murder.

*Começa a urdir lentamente a teia em que ha de apanhar o criminoso. Porque não procede sem detença? Finge-se demente, descura o vestuario, divaga nos corredores do palacio mergulhado em negras cismas, febril, torvo, absorto e reservado. Quem o avista foge dele com mêdo. Ofelia, aconselhada pelo pai e pelo irmão, não aceita as suas visitas nem as suas cartas. E' mais um elo que se parte. Daí em diante, a vida esquiva-se-lhe—onda que se afasta para longe, sumindo-se na bruma.*

*São horas de quebranto que ele atravessa sem temor, como se sulcasse a Lagôa Estigia...*

*No cumprimento demorado da sua palavra—o juramento prestado ao Espectro:—*«Nem que o inferno se abrisse...»—*mostra Shakspeare a perfeição da sua arte,, a penetração do seu instinto, a visão da tragedia humana nos seus lances magistrais e a segurança genial dos seus raptos.*

*Hamlet, se fôsse simplesmente o que nele «sentiram» os romanticos, seria o falador exausto, o* raté *metafisico, o evocador cenografico das paragens do inconsciente. Mas o insuperavel Will enterra-lhe no seio o gladio do sofrimento cuja eloquencia ilumina a humanidade com fulgôr austero—macabro, por vezes.*

*Enquanto conquista a convicção de que o Espectro o não enganou—a interrompida recita dos comicos—vai propondo, com implacavel lucidez, o problema do «ser e do não ser», caminhando para o Destino, como se calcasse a sua mesma alma. A ironia cruel leva-o á observação sarcastica:*

*—Admites que Alexandre, entregue á sepultura, assumisse esta aparencia?*

*Interpela assim o constante Horacio, no cemiterio, depois de haver pesado o cranio de Iorick. Hamlet chega por essa via á verdade da «Imitação de Cristo»:*

*—Pó, miseria é pó, com largueza e igualdade para a purpura e para a estamenha.*

*Quando Laertes o desafia, incitado pela astucia vulpina e medrosa de Claudius, o rei assassino, ele mostra a sua ingenita nobresa, desarmando a colera do adversario que se confessa vencido e convencido pela beleza inegualavel do seu porte:*

*—«Nem a morte de meu pai nem a minha caem sobre ti nem a tua sobre mim».*

*Hamlet redime-se dos homens e enlaça-se em Deus.*

*16—XII—1934.*

**JOAQUIM MANSO**

## VIDA LITERARIA

# Notas e Comentarios aos Livros da Semana

*A produção literaria neste outono tem sido abundante. As chamadas «grandes obras» não têm surgido, porém. E os classificados autores não deram ainda bastante de si.*

*Dentro do relativo a que a vida das letras, como todas as vidas afinal, cada vez mais tem de se sujeitar, os livros aparecidos não envergonham a literatura portuguesa; ou satisfazem ou «se conformam».*

*Anotamos alguns trabalhos que estão sobre a nossa mesa de trabalho.*

### Historia tragico-maritima

— por *Antonio Sergio*

Com a sua probidade intelectual e a sua elegancia literaria, o sr. dr. Antonio Sergio tomou as narrativas dispersas de naufragio na epoca das conquistas, e fez uma adaptação da «Historia Tragico-maritima», para a série de adaptações de obras celebres que a livraria Sá da Costa está editando, e de que já saíram «*Os Lusiadas* contados ás crianças e lembrados ao povo», do dr. João de Barros, «A Odisseia», do mesmo escritor, e «As Peregrinações» de Fernão Mendes Pinto, de Aquilino Ribeiro.

Não tem critica nem sequer comentario esta adaptação dentro dos moldes ou limites a que sujeito esta pagina de notas.

A noticia, porém, é digna de relevo, pois o dr. Antonio Sergio com o sentimento apurado de um critico, com o espirito claro de um ensaista, realizou sem esforço um trabalho de divulgação, dentro do objectivo superior desta colecção, meritorio e agradavel.

A mesma simplicidade das narrativas do terceiro quartel do seculo XVI; limpidez, sintetização, poder sugestivo; boas letras.

Abre o volume o *Naufragio de Sepulveda*, de Jeronimo Côrte Real, obra que foi traduzida em varias linguas, e que além da edição original, publicada por Antonio de Sousa logo depois da morte do poeta — julgamos nós — foi reimpressa nos seculos XVIII e XIX.

Ao drama de Manuel de Sousa Sepulveda e do galeão grande «S. João» (1552), segue-se «A catastrofe da nau «Santiago» (1585), e logo «A tragedia dos Baixos de Pero dos Banhos» (1555) «O triste sucesso da nau «S. Paulo» (1560), e «As terriveis Aventuras», de Jorge Albuquerque Coelho (1565).

Neste volume de pouco mais de 200 paginas, que se lêem de um folego no português de hoje, sem arcaismos escusados mas sem perda do sabor original antigo, ficam os retalhos da epopeia da desgraça, afinal quadrinhos da «Historia Tragico-Maritima» — pintura e literatura — de um travo lusiada acentuado.

O volume, cujos cinco formosos capitulos são ilustrados pelo artista e professor Martins Barata, inclui um vocabulario dos termos nauticos e antigos, para os quais o autor não encontrou equivalencia, e que houve que respeitar.

Esta obra de Antonio Sergio é das tais que se destinam a toda a especie de leitores, de todas as idades e culturas, e como tal meritoria pelo serviço prestado ás leras na esfera das iniciações pelo estimulo que pode despertar para mais recuadas leituras.

A edição é agradavel.

### Motivos de Teatro

— por *Augusto Ricardo*

Não é uma obra de critica teatral, de catedratica sentença condenatoria ou laudatoria de sucessos.

São notas soltas, apontamentos a esmo do jornalismo de espirito, que tomam por pretexto o teatro, a literatura teatral, a arte de varios paises, ligada á cena e á vida que gira á roda do drama cenico.

Nestes «Motivos de teatro» o autor demonstra a sua sensibilidade critica, não entrando na seara da critica, o seu poder observador, e o seu penetrante espirito, umas vezes mordaz, outras ironico, outras sentimental, e raras vezes contundente, embora não poupe ridiculos nem mazelas.

E' um livro, afinal, mais literario do que jornalistico, embora o jornalista transpareça em todas as paginas e o «amaneirado» não seja uma preocupação de Augusto Ricardo, sempre expontaneo, sempre deixando correr a prosa como fio de agua, simples, claro e exacto.

Outro merito possui este livro: equilibrio no trato dos varios assuntos das suas cronicas miniaturais, e desempêno, aprumo intelectual, um pouco de prosapia de espirito, limitada, porém, pelo bom senso.

Pode não se concordar com todos os conceitos do autor; mas nunca se lhe pode apontar um disparate, um desliz de facto ou de pensamento.

Um sentido anecdotico, por vezes, dá ao volume um caracter ameno; referencias historicas ou contemporaneas retrospectivas imprimem-lhe um aspecto cultural E a leveza, que resulta natural do processo da factura, dá uma certa graça ao conjunto destes «Motivos de Teatro», que o professor Araujo Pereira prefaciou. «Tem lisura o seu caracter critico, claridades a pena pressurosa e facil, o juizo é equilibrado e solido» diz o mestre de teatro.

Esta sentença corresponde a justiça no julgamento.

Ressente-se esta obra aqui e ali — devemos dizê-lo — da propria condição da realização; adivinham-se os improvisos e notam-se-lhe senões de construção, não gramaticais, é claro, mas de ordenação de idelas. Mas estas deficiencias são amplamente compensadas pela frescura, pela expotaneidade, pela vibração já do conceito, já da narrativa critica.

Tambem alguns dos apontamentos podiam bem ser eliminados da edição, porque se afastam um pouco do que julgamos ser o espirito alicerce destes «Motivos de Teatro»; mas, contudo, não comprometem o livro, nem prejudicam o nome do autor.

Edição de Nunes de Carvalho, capa de Sousa Mendes.

### Cenas delidas pelo tempo

— por *Lourenço Caiola*

E' um volume de recordações do passado, que continua, de certo modo, aquele volume «Revivendo o passado» aparecido ha três ou quatro anos.

O autor, o professor e jornalista sr. Lourenço Caiola, viveu, conviveu, viajou pela vida, atravessou um mundo de figuras e de factos pela estrada ingrata da politica, pela vereda ora agreste ora florida do jornalismo.

Acotovelou e foi acotovelado pelos homens e pelas cousas. E se os anos passam, e passam a lembrança do que foi, Lourenço Caiola, espirito sempre moço de salutar alegria de inteligencia e de coração, não esquece, e saboreia a saudade do passado, sempre presente na sua memoria.

«Cenas delidas pelo tempo» são, assim, memorias, saudades e narrativas de varias vidas.

Estes livros — já o escrevemos ha tempos — saem fora do ambito da critica, que pode apenas preocupar-se com a forma ou com o processo literario, para ter alguma cousa em que reparar.

E a estes respeitos o livro do sr. Lourenço Caiola é ajustado ao pensamento da obra: simples, correntio, discreto, em bom português de narrativa, serio como produção literaria, e sugestivo no desprendimento do dizer. Não se tratando de uma obra de belas-letras no sentido rigoroso da expressão, nem de uma peça de arte, mas de quadros vividos, onde se agitam figuras e se desenham acontecimentos, o ultimo livro do autor da «Conversão» e de «Caso de Consciencia», está muito bem, e confirma as qualidades do escritor, que a estas memorias, tocadas aqui e ali de ternura, que até ao leitor chega purissima, imprimiu um cunho de conversa num salão literario.

Por outro lado, «Cenas delidas pelo tempo» dão subsidios para a historia contemporanea, ao mesmo tempo que revelam o caracter de varias figuras levadas pela morte, focando aspectos inéditos de almas, e ajudando a corrigir julgamentos precipitados.

São centenas as personalidades evocadas nesta obra; são dezenas os factos curiosos relatados; são muitos os panoramas impressionantes de homens e de cousas que já lá vão.

«Um feixe de saudades» é uma oração por alguns eleitos da inteligencia e do caracter, paginas orvalhadas, nas quais as figuras surgem de pé, conversando, passeando sobre as alcatifas discretas. «Existe um destino» é uma pagina forte de jornalismo literario; «A morte de um justo» é um quadro a oleo onde se retrata uma figura nobilissima: Anselmo Braamcamp; «O culto por um Rei» é uma afirmação de fé; «O centenario de Pombal» é uma critica feita de memorias retalhadas, mas com aprumo; «Montaria a um autor dramatico» um episodio delicioso da vida literaria do autor, na sua passagem pelo teatro.

Em todos os capitulos — são treze — ha uma nota de espirito, ou de sentimento, ou de humorismo discreto; sempre uma revelação, um subsidio, um interesse de literatura.

E até, aqui e ali, um conceito politico se aceita pela correcção do autor, tão delicado quanto justiceiro.

Bom livro este «Cenas delidas pelo tempo», no qual Lourenço Caiola — ele o diz — pretende exaltar a memoria ou a individualidade de muitos dos que encontrou pela vida fora e trabalharam a seu lado nas escolas, no jornalismo, nas letras ou no pensamento.

### Quinto Império

— por *A. Ferreira Gomes*

Abre o novo livro de Augusto Ferreira Gomes com um prefacio de Fernando Pessoa, ao seu jeito simbolico e espiritualista, nada nebuloso, porém. O «Quinto Imperio» é atribuido a Portugal.

Obra pois de um sentido nacionalista, contido em poesia, em meia duzia de poesias, que impressionam pelo vislumbre de beleza sombria, como a dos parques sonambulos, onde passeiam ideais, visões, sonhos.

E' um pouco transcendente o «misterio» desta poesia, para empregarmos a definição de Gaspar Simões; profetico na intenção, e um tanto vago. Coloca-se este «Quinto Imperio» no ponto intermediario da beleza e do subjectivo.

Por isto a Poesia não se alevanta integral aos paramos da beleza, e a intenção subjectiva não surge translucida da factura.

Não se chega a descobrir o «Encoberto» — eis tudo.

Eis dois exemplos da «poesia» deste «Quinto Imperio»: Vejamos: «Iniciação»:

*Na sombra pesada da noite sem luz,*
*Em espaços longinquos, parados e frios,*
*O sonho tem saltos brutais e esguios,*
*Na sombra pesada da noite sem luz...*

*Decorrem na alma as lides tamanhas*
*Do que ha de surgir e do que já passou...*
*E as formas tombadas que o sonho tomou*
*Resvalam em sombras de formas estranhas...*

E agora «a primeira parte de «Quinto Imperio»:

*Da noite, a vertigem,*
*tombou de vagar...*
*E um vago lamento —*
*da noite ou do vento —*
*tornou a passar...*

*No cavo silencio*
*da noite que passa*
*só brilham estrelas;*
*e o olhá-las e a vê-las —*
*vejo a noite baça...*

*Ah! da noite incerta*
*um sopro me vem;*
*um bafo de sombra,*
*na alma deserta,*
*me toca d'além...*

Em sintese: trabalho de elevação mental e de requinte literario.

Edição formosa da Parceria Pereira.

### Jesus pequenino

— por *Adolfo Muller*

E' uma obrinha do Natal, de meio palmo, um conto quasi, tecido em verso, que dá «Jesus Pequenino», numa duzia de sonetos, de ingenuo sabor biblico e perfume religioso.

Depois da *Alba Plena*, de Augusto Gil, não julgamos tarefa facil escrever a vida de Jesus, poetizada. O sr. Simões Muller sai-se da dificuldade com bizarria; verso brando, suave dizer, encantamento literario, religiosidade.

E' um pequenino trabalho que não merece comentario sério, porque o autor judiciosamente se conteve dentro dos limites de um presente do Natal, um presepio de rimas.

Eis um exemplo:

*Pela negra estrada fora,*
*depressa que assim convinha,*
*vai guiando a jumentinha*
*a Virgem Nossa Senhora.*

*O Menino dorme agora*
*— a noite é boa madrinha*
*E a Virgem vôa: pombinha*
*foragida á luz da aurora!*

*Ainda é longa a jornada,*
*e a Senhora, amargurada,*
*soluça olhando o Rabi...*

*Mas, se o Menino desperta,*
*logo a Virgem, pela certa,*
*enxuga o pranto e sorri.*

Edição elegante e mimosa.

N. de A.

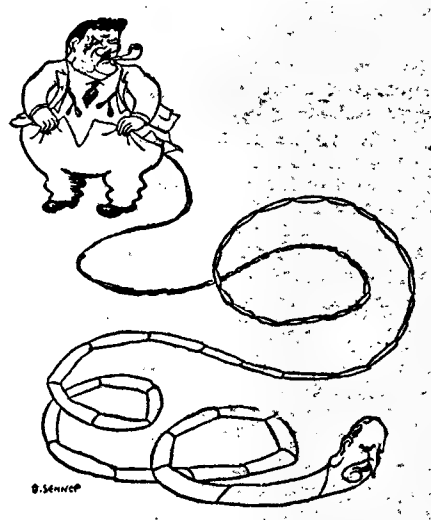
O mais sensacional acontecimento literario de 1934

DEZ NOVELAS
DEZ NOVELISTAS

Em todas as livrarias — 10 Escudos

Pedidos á Rua do Diario de Noticias, 113-115 — LISBOA

## HUMORISMO



A BICHA SOLITARIA DA POLITICA FRANCESA

(*Herriot e Flandin. Caricatura de Sennep*)

## UM CONTO POR SEMANA

# FESTA DE FAMILIA

O sr. Pimenta, que possui uma familia numerosa e uma loja de capelista na rua dos Fanqueiros, é agora, mercê do trabalho extenuante a que se tem dado e da falta de trabalho que se tem dado aos outros, uma pessoa de teres e haveres, o que já lhe permitiu instalar-se em casa propria, com trespasse autorizado pelo excelentissimo senhorio, e adquirir um piano de tocar com os pés para a filha mais velha—a Tinó—cuja educação, de cuidada que é, vai da missanga ao recitativo e do francês sem mestre aos bordados «á jour».

Como o negocio lhe tem corrido sem embaraços de maior, o sr. Pimenta teve uma ideia que o recomenda, sobretudo por ser de uma coragem rara no nosso tempo: juntar a parentela toda no dia das bodas de prata do casamento; celebrar com todos os «quindins» uma festa de familia comemorativa.

A esposa—a D. Julia—ainda procurou obstar ao esbanjamento, alegando que era uma «trabalheira», que melhor seria guardar o dinheiro para quando fosse preciso satisfazer alguma necessidade mais urgente; e que, de mais a mais, as filhas da mana Henriqueta eram umas lambaroias perigosas porque de tudo diziam mal não obstante não terem aonde cair mortas.

O sr. Pimenta teimou, porém. As pequenas—a Tinó, mais a Hilaria e a Lena—fizeram maioria com ele na votação; a tia Albertina, que tambem foi consultada, achou bem, principalmente por se lhe afigurar que era preciso arejar a casa e as meninas; e logo se combinou o programa culinario e artistico.

—Tu fazes as almondegas.

—A Tinó, como já sabe tocar o fado do bacalhau no piano, pode tomar parte no sarau.

—Naturalmente, vem o primo Chico, que dança mesmo a primor.

—Pede-se a telefonia emprestada ali á visinha do lado...

—Fazem-se azovias...

—Arrôs de marisco...

—Croquettes...

—A Zulmira canta e recita aquelas coisas lá do Club...

—Vocês vão vêr como se engendra aí uma festança de truz!—concluiu o sr. Pimenta, radiante por vêr em marcha a sua ideia de confraternização familiar.

* * *

Para encurtar razões e pormenores escusados: chegou a noite da festa. Foram vindo os convidados: a mana Laura e o marido; a mana Henriqueta e as filhas; a Izabel mais a Julia; a Joaquina e os petizes; o Chico com a mana e a prima; o José Gregorio com a guitarra; a Albertina, de redingote e com um chapeu de luto aliviado que a D. Regina lhe emprestára.

As senhoras distribuiram beijos de «toma lá dá cá», daqueles que elas trocam como quem está a dizer segredos ao ouvido; as meninas associaram-se á beijoquice das mamãs; os cavalheiros riram e provaram o vinho enquanto não chegava a hora do ataque ao «menu»; e todos se disseram mutuas palavras de amizade... recordações do passado... tempos que já lá vão... excepto as raparigas—já se vê—que aproveitaram a maré para cochichar sobre o futuro e os namoros.

* *

—Vá! Vamos lá a isto!—exclamou a certa altura a D. Julia, toda esbodegada da azafama, para noticiar que estava a sopa na mesa.

Instalaram-se todos, sem preocupações de etiqueta, e comeram e beberam, tambem sem etiqueta nenhuma, aproveitando, naturalmente, o ensejo para mais estreitarem os laços de amisade tal qual acontece nos outros banquetes. A amisade, nestas coisas, estreita-se sempre á medida que o estomago se alarga...

O Chico foi dizendo piadas sem piada nenhuma; o auditorio foi fingindo que achava graça; e chegou-se ás «saudes», que foram comovedoras de ternura, de juramentos, de afecto, de promessas de felicidade etc.

O sr. Pimenta lembrou os tempos de quando era pequenino, as torturas que passou para se fazer homem a caixeirar; recordou, enfim, as horas dificeis e os esforços empregados para chegar á situação agora disfrutada. E a esposa confirmou, comovida:

—Lá isso... Coitadinho! Toda a sua vida tem trabalhado como uma besta!

Todos concordaram; e o Chico, que a esse tempo já tinha feito olhos de marrã morta para a Tinó, aproveitou a oportunidade para tirar do fundo do peito um gemido suspirado que era, em seu entender, o prologo da declaração de amor que tencionava enviar-lhe logo que pudesse, em casa, consultar o epistolario dos amantes.

A Tinó, de perturbada, fez olhos de comprometida, como se a consciencia a estivesse acusando já de pecado, e, sem querer, entornou o copo do vinho na toalha.

O liquido alastrou, encharcou o arrôs do José Gregorio que ficava á beira, e, sem que fosse possivel evitar o desastre, correu em fio para o regaço da D. Henriqueta, enodoando-lhe o vestido.

Grande desgosto da avinhada senhora e grande algazarra de pilherias dos circunstantes:

—Pronto! Desgraçaram-me o vestido! Estou toda num chiqueiro!

—E' alegria! E' alegria! Deixe correr, que é alegria!

—Porcaria! Porcaria é que é! Isto... em vendo um homem ficam logo pasmadas...

—O' tia! Toda a gente viu que foi sem querer! Escusava bem de se estar a meter na vida particular de cada um!—ripostou a Tinó, escamada do remoque.

O Chico encavacou por vêr que lhe tinham surpreendido o suspiro; o Rogerio, já meio tonto, começou a discursar para desviar a conversa; mas a D. Henriqueta, cada vez mais fula, não teve força em si, que não teimasse no arreganho.

—Brindo pela boa união de toda a familia Pimenta!—ia dizendo o Rogerio para acalmar.

E a velha:

—Olhe: brinde mas é pela boa educação dos que não a têm!

—Vá lá menina! Vá lá a ter tento nos dizeres...—interveiu o Pimenta pai, conciliador.

—Ora... Devias lembrar isso mas era á serigaita da tua filha, que bem precisa. Uma destas! Até estou molhada por dentro!

—Oh mana! Tambem, nem tanto! —sentenciou a mãi Julia—Até parece que quere bater na pequena...

—Dê-lhe ensino! Dê-lhe ensino! Que é a sua obrigação. Se a mana soubesse educá-la, já escusava de ouvir certas coisas...

—Que coisas?! A mana tem alguma coisa que dizer de mim ou da minha familia??!

—Ora... ora...

—Ora... ora... não! Já que as coisas chegaram a esse ponto, não sai daqui sem vomitar. Ha de vomitar tudo para aqui! Ora essa! Então não querem lá vêr a malcriadona?!

—Brindo pela união...—teimava o Rogerio, em meio da balburdia, a entornar-se para cima da D. Albertina.

—Olhe: sabe que mais? A minha filha não toca piano, mas não faz cenas tristes diantes de gente. E com esta me fico, que já basta de aborrecimentos. Bem diz a Laura que isto não passa duma sucia de impostoras sem educação nenhuma! Se calhar, queriam que eu, em troca da miseria do jantar, me deixasse para aqui encher de nodoas?! Não! Que este custou a ganhar! O meu homem não tem loja na baixa...

* * *

Disse. E endireitou com as filhas para o vestiario, numa despedida de arremesso. O sr. Pimenta, já a esse tempo indentificado com a esposa, agarrou-a por um braço. Que se havia de explicar; que não queria rabos de palha em sua casa; que não saia dali sem pôr tudo no nu...

—Isso era o que você queria... Que a gente se despisse! Relachadão, que nem a familia respeita!

A Tinó mais a mãi, fortes com o apoio do pai Pimenta, chamaram porca á D. Henriqueta. O Chico, para dar a primeira prova do seu amor pela Tinó, chamou um nome feio a uma das filhas da sobredita; a pequena ferida nos seus brios, apodou-o de idiota e de cobarde pespegando-lhe com o saquinho das chaves nas bochechas.

Formaram-se partidos. O dono da casa teimou em castigar a insolente; o gato fugiu espavorido para debaixo da cama das meninas; a criada aproveitou para passar uma perna de peru ao namorado, que estava escondido no quintal; as senhoras e as raparigas despentearam-se arranhando-se, furiosas, umas ás outras; os homens, cada grupo na defesa do seu credo, distribuiram pancadaria a tôrto e a direito; a Albertina, com o nariz a arder-lhe, de um murro que lhe acertára, correu á janela a bradar por socorro. Houve apitos e gritos de «oh da guarda!»; e os convivas, tornado publico o escandalo, escapuliram-se a toda a pressa, com medo da sua importancia, ir dormir num calabouço.

* * *

Teria decorrido meia hora depois da saida do ultimo comensal, chegou a policia para averiguar do que se passára.

O sr. Pimenta correu a receber os agentes, fingindo-se surpreendido de os vêr em sua casa áquela hora, e explicou nestes termos o barulho dos apitos:

—Nós não demos por tal! Só se foi alguma briga na rua... Oh Julia: deste por alguma desordem esta noite, aí na visinhança?

—Ná... Que eu ouvisse... Isso deve ter sido coisa sem importancia... Alguns desordeiros que fugiram quando ouviram o alarme...

—Mas a visinhança diz que foi aqui que pediram socorro!...

—Então... já os srs sabem—decidiu o sr. Pimenta, a sair-se da rascada—ou foi engano ou foi vingança dos visinhos! Não vê que nós estivemos a celebrar uma festa de familia e improvisámos um pequeno sarau... Invejas... sabem?... Invejas... Esta gente não pode vêr uma camisa lavada a ninguem...

APRIGIO MAFRA.

## UM POEMA DE GOETHE

# O Aprendiz de Bruxo

GOETHE AOS 75 ANOS
Pintura de Heinrich Kolbe (1822-1826) existente no museu de Weimar

A revista francesa *Les Annales* inseriu no seu ultimo numero uma tradução do «Aprendiz de Bruxo», o famoso poema de Goethe, tantas vezes invocado nestes ultimos quinze anos. O caso do discipulo ambicioso que, na ausencia do mestre, conjura as forças obscuras e é incapaz de as dominar depois de as ter desencadeado, parafaseia o mundo do após-guerra, semelhante á camara do encantador, entregue á anarquia até que o mestre, senhor duma formula magica, tudo reconduz num instante a uma ordem harmoniosa.

Como o supomos infelizmente, pouco conhecido entre nós, damo-lo aqui na tradução portuguesa, ainda inedita.

*O velho mestre saiu, finalmente, e eu pretendo que os seus genios façam tambem a minha vontade. Reparei bem nos sinais e nas palavras que emprega, e não me ha de faltar animo para fazer milagres como ele.*

*«Vamos! Vamos! mãos á obra: que a agua corra nesta celha e que ela fique cheia até cima.*

*«Anda cá, vassoira velha: pega-me nestes trapos; ha muito que estás habituada ao serviço e sujeitar-te-ás bem facilmente a ser minha criada. Aguenta-te de pé, firme nas pernas, levanta essa cabeça, e vai depressa, vai! vai buscar agua nesta bilha.*

*«Vamos! vamos! mãos á obra: que a agua corra nesta celha e que ela fique cheia até cima.»*

*Olha! Lá vai ela a correr direita ao rio!... Já está á borda da agua!... E depois vem cumprir a minha ordem com a velocidade do relampago!... Segunda vez!... Como a celha se enche! Como as bilhas vão e vêm sem se entornar!*

*«Espera! espera lá! acabou-se a tarefa!*

*Ai! meu Deus! meu Deus!... esqueci-me das palavras magicas!*

*Ah! aquela palavra, parece-me que era no fim; mas que palavra era? Lá vem ela outra vez! «Acabas ou não, vassoira velha?... e continua a trazer nova agua, ainda mais depressa!...*

*Ai! a inundação que me ameaça! Não, já não posso mais... E' preciso pará-la... Ai! começo a ter mêdo!... Mas que gesto, que olhar preciso de empregar?*

*«Enviada do inferno, queres alagar toda a casa? Não vês que a agua se espalha por toda a parte, aos cachões?» E' uma vassoira imbecil que não percebe nada! «Mas pára, pau, descansa duma vez! Não queres parar?... Pois vou, p'ra te ensinar, pegar numa machada e rachar-te em dois!»*

*Lá vem ela outra vez! «Como eu me vou atirar a ti e fazer-te estar quieta!» Oh! oh! o velho pau racha-se estala!... E' bem feito: está feito em dois e agora espero que me deixe em paz.*

*Meu Deus! Meu Deus! Os dois bocados transformam-se em criados dextros e ageis!... Socorro poder divino!*

*Como eles correm! A sala, a escada, tudo está submerso! Que inundação!... O' meu senhor e mestre, acudi-me! Ah! Lá vem ele!*

*«Mestre, salvai-me do p'rigo: atrevi-me a invocar vossos espiritos, e não os posso conter.»*

*«Vassoira! vassoira! vai para o teu canto! e vós, espiritos, doravante não obedeçam senão ao habil mestre que vos põe a servir os seus vastos designios.»*

JOHANN-WOLFGANG GOETHE

Como é sabido, este poema inspirou e Paul Dukas um lindo trecho sinfonico, conhecido em Portugal através dum excelente disco da Columbia e já executado em Lisboa sob a direcção de Pedro de Freitas Branco.

# Dez minutos com

## Castelo de Morais

Castelo de Morais—nome que parece um pseudonimo—tem a gravidade, a soturnidade dum môcho. Pouco ri. Talvez mesmo não saiba rir. Nos seus olhos verdes, de absinto, perpassam relampagos, tempestades acidas da vida. Quando aquilo acaba faz uma novela, um livro—que são sempre estranhos, duros, dum mordente que arrepela a epiderme. Num país, onde toda a gente que escreve ainda romantiza, com mais ou menos talento, Castelo de Morais é impiedosamente realista. Trabalha num laboratorio de analises, espreitando, estudando ao microscopio «preparações de alma». E' cruel mas não desencanta. Ele não tem culpa que a vida seja amarga, colerica e, tambem, embriagante de loucura. O pulso do escritor forte revelou-se talvez agora na *Grande Empresa—vient de paraitre,* que os cenaculos intelectuais recusam, como se fosse uma bomba de dinamite prestes a explodir. De facto, ha ali dentro nitroglicerina de lagrimas e algodão polvora de verdade. E dito isto—começa o quarto de hora, de Rabelais:

— O meu livro—diz Castelo de Morais—tem cinco anos, sem editor. São figuras concretas. Não foram inventadas por mim. Existem. Vivem.

— Como se chamam?

— Não seja deshumano! Disfarcei-as misericordiosamente com nomes supostos, em obediencia a um sarro cristão que fórra ainda a minha alma desiludida Conheci o Borba, personagem central da *Grande Empresa,* como as minhas mãos de operario das letras. Envelheceu, morreu a sonhar... a realidade do seu «grande imperio» de minas que os corvos rapacemente disputavam... O Borba é o nosso irmão mais velho e mais português. E mais: Todos nós, como ele, esperamos os *belgas e temos o tal imperio,* mas nenhum de nós tem, como ele teve, a virtude magnifica de sofrer, de esperar e de ter fé.

O pessimismo tambem faz feridas. Castelo de Morais anda assim a escorrer sangue pela vida. E se o poeta, que ele foi, e que é ainda, falasse?

— Os versos tambem têm idade! Já não faço disso. Hei de recordar-me sempre do que sucedeu ao meu livro *Ave-Eva,* descoberto por Guerra Junqueiro. A critica manifestara-se, sem sequer o lêr. O autor tem muito talento. E' uma promessa, etc.... As banalidades do costume. Guerra Junqueiro que estava, então no Porto, leu-o, e, sem me conhecer, escreve para um jornal do Rio de Janeiro um artigo de tal veemencia, que o livro esgota-se e a critica é levada a rectificar os seus juizos.

Desta vez, Castelo de Morais quer rir—e consegue-o. Humaniza-se. A veia das confidencias rompe-se. Ha mais ambiente. O quarto de hora vai acabar.

— Como trabalha?

—Fujo como os lobos, acossados pela neve, quando me disponho a isso. Procuro, então num café, onde ninguem me conheça. E aí, no barulho, a lapis, ou a tinta, conforme calha, escrevo duma assentada, o que andei «magicando». E' simples!

Sempre estranho, este Castelo de Morais cujos olhos de absinto, sabem, como poucos, prescrutar o fenomeno da vida.

# CECILIA MEIRELLES, POETISA EUROPEIA

Quando me deram a noticia de que vinha a caminho de Lisboa a poetisa Cecilia Meirelles, dei comigo a sentir: Finalmente, regressa! Depois compreendi que este sentimento não me supreendeu pela estranheza, mas pela revelação que continha. — Referir-se-ia, esse sentimento, determinadamente a Portugal? Vejamos:

Foi ha perto de quatro anos que o poeta chileno Gerardo Seguel me deu a conhecer a impressionante presença poetica de Cecilia Meirelles, através da "Medida da significação„. Na laboriosa passagem do estado emocional para a analise critica, encontrei, após a primeira leitura do poema, a lembrança do "caso„ de Arthur Rimbaud.

Não me serviu de guia a contingente descoberta de afinidades formais. Ia mais longe o significado deste encontro. Como Rimbaud, Cecilia Meirelles, na "Medida da significação„ e. forçosamente,— como depois vim a verificar — nos outros poemas que eu ainda não conhecia, tambem manifestava, na ansia de descobrir-se, o super-humano esforço de ultrapassar o limite.

Supondo que no mundo da criação poetica existem sucessivas camadas atmosfericas, num crescendo de rarefacção identico ao que se observa no mundo que habitamos, aquela que o espirito de Arthur Rimbaud atingiu, foi, sem duvida, a mais elevada. E, tanto, que ele proprio teve a consciencia de que ela era irrespiravel.

Mas o fracasso de Icaro não impediu que o homem inventasse o aeroplano, nem que pretenda atingir e demorar-se na estratoesfera...

Rainer Maria Rilke fez a mesma tentativa, Não acabou por evadir-se da Literatura, como o genial poeta de "Une saison en enfer„, talvez porque lhe tivesse faltado — no dizer de Sá Carneiro — um golpe de aza, para chegar até onde chegou o precursor.

"Onde figuras e horas se decompõem... onde as sombras crescem como florestas... onde começa a sentir-se o alento das nebulosas sinistras que se desenvolvem nas febres...„, tudo isto resume, para o espirito do poeta que se investiga em profundidade, a portalimite em que os deuses mandaram gravar a palavra "Loucura„.

Ora, a poesia brasileira e, salvo a miraculosa excepção de Edgard Pöe (e outros que eu desconheça), toda a poesia americana, não investiga em profundidade,—ilumina em superficie.

Enquanto Jorge de Lima, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto se servem da visualidade, (que é, sem duvida, a caracteristica dominante da literatura dos povos florescentes), para "revelar„ o mundo exterior, Cecilia Meirelles serve-se dela para "objectivar„ o seu mundo interior. A paisagem—de que os brasileiros abusam tanto como os portugueses da saudade—é um acidente, um simples elemento decorativo ou um "meio„ na obra poetica de Cecilia Meirelles.

E, mesmo assim, que especie de paisagem?—Os cafézais de Mato Grosso? os rios do Recife? as fabricas e os arranha-céus de São Paulo? as praias de São Vicente? Nada disso. Aquela paisagem que raramente se exibe,—como objectiva e restrita finalidade—e acidentalmente se faz sentir na poesia europeia: sem caracteristicas regionais, sem limites no espaço. O mar de todos os tempos, as florestas de todos os paises, os frutos e as aves de todo o mundo.

Algumas vezes transfigurados, é certo, mas sempre e universalmente reconheciveis,—como é reconhecivel toda a poesia de Cecilia Meirelles, que um feliz e recente designio quiz que trouxesse o corpo... onde já tinha o espirito: á Europa.

CARLOS QUEIROZ

## Medida da Significação

I

**Procurei-me nesta agua da minha memoria**
**que povôa todas as distancias da vida**
**e onde, como nos campos, se podia semear, talvez,**
**tanta imagem capaz de ficar florindo...**

**Procurei minha forma, entre os aspectos das ondas,**
**para sentir na noite o aroma da minha duração.**

**Compreendo que da fronte aos pés sou de ausencia absoluta:**
**desapareci como aquele, no entanto, arduo, ritmo**
**que, sobre fingidos caminhos,**
**sustentou a minha passagem desejosa.**

**Acabei-me como a luz fugitiva**
**que queimou sua propria atitude**
**segundo a tendencia do meu pensamento transformavel...**

**Desde agora, saberei que sou sem rastros.**
**Esta agua da minha memoria reune os sulcos feridos:**
**as sombras efemeras afogam-se na conjugação das ondas.**
**Daquilo que restaria eternamente**
**é tão da côr destas aguas,**
**é tão do tamanho do tempo,**
**é tão edificado de silencios**
**que, reflectido aqui,**
**permanece inefavel.**

II

**Voz obstinada, por que insistes chamando**
**por um nome que não corresponde mais a mim?**

**Não é do meu proposito que fiques ao longe sósinha.**
**Nem tu sabes que especie de saudade abrolha na noite**
**e como o silencio tenta mover-se, inutilmente,**
**quando dirige teus imans sonoros**
**sondando direcções!**

**Não é do meu proposito, ó voz obstinada,**
**mas da minha condição.**

**As aparencias dispersaram-se de mim**
**como passaros:**
**que sol se pode fixar, nesta existencia,**
**para te definir a minha aproximação?**

**As minhas dimensões se aboliram nos limites visiveis:**
**como podes saber onde me circunscrevo,**
**e de que modo me pode o teu desejo apreender?**

**Eu mesma deixei de entender a minha substancia:**
**tenho apenas o sentimento dos misterios que em mim se equilibram.**

**Como é que podes chamar por mim como ás coisas concretas**
**e assegurar-me que sou tua Necessidade e teu Bem?**

III

**Para experiencia do teu contentamento,**
**crio formas que vistam meus pensamentos irrevelaveis**
**e modelo fisionomias com que te possa aparecer.**

**Pisarei minha solidão com renuncia e alegria,**
**e, por entre caminhos assombrados,**
**resoluta virei até onde te encontres,**
**cortando as sombras que crescem como florestas.**

**Eu mesma me sentirei alucinada e esquisita**
**com esse alento das nebulosas sinistras**
**que se desenvolvem nas febres.**

**Não saberei, precisamente, quando me verás,**
**nem se compreenderei a linguagem que falas,**
**e os nomes que tem as tuas realidades**
**e o tempo dos outros acontecimentos...**

**Mas o que desde agora sinto e sei com firmesa**
**é que a tua voz continuará chamando por mim, obstinada,**
**embora eu não possa estar mais perto, nem mais viva,**
**e se tenha acabado o caminho que existe entre nós**
**e eu não possa prosseguir mais.**

IV

**A agua da minha memoria devora todos os reflexos.**

**Foi porisso que se desfizeram todas as minhas presenças**
**e se continuarão a desfazer.**
**E' inutil o meu esforço de conservar-me:**
**todos os dias sou meu completo desmoronamento**
**e assisto á decadencia de tudo**
**nestes espelhos sem reprodução...**

**Voz obstinada, que estás ao longe chamando,**
**conduz-te a mim, para compreenderes minha ausencia.**
**Traz de longe teus atributos de amargura e de sonho**
**para veres o que deles resta**
**depois que chegaram a estes ermos dominios**
**onde figuras e horas se decompõem...**

**Não precisaremos falar mais, nem sentir.**
**Seremos só de afinidades,—morrerão as alegorias.**

**E saberás distinguir as coisas que perecem, desoladas,**
**olhando para esta agua interminavel e muda,**
**que não floriu, que não palpitou, que não produziu,**
**de tanto ser puramente imortal...**

CECILIA MEIRELLES

Edições da "Renascença Grafica"
Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

**MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO...,** por NORBERTO LOPES
**PORTUGUESES EM ROMA,** por NORBERTO DE ARAUJO.
**O LIVRO DO NOSSO AMOR** por SILVA TAVARES.
**ALBUM DE CARICATURAS,** por FRANCISCO VALENÇA.
**BIBLIOGRAFIA DE MAFRA,** por JOAO PAULO FREIRE (MARIO)

NOVIDADE LITERARIA
MIRADOURO
TIPOS E CASOS, de
ANTERO DE FIGUEIREDO
1. vol. broch. Esc. 12$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 13$50.
A' venda nas livrarias. — Pedidos à Livraria Bertrand, R. Garrett, 73 — LISBOA.

# VERSOS
## DOS ULTIMOS LIVROS

*Do livro «Varanda», de Alberto de Serpa, edição Presença, este poema:*

### ABANDONO

Deixai ficar o parque
assim mesmo,
aos estragos do tempo!

Deixar morrer as árvores,
já sem fruto e sem flôr!

Deixai, no lago, a agua
esverdeada e o barco
ir podre para o fundo!

A velha ponte, que leva
para a gruta dos ecos,
deixai-a derruir!
(A gruta apenas fique
para o eco do silencio!)

Dai liberdade às ervas
e aos musgos para que cresçam
e não deixem marcar
no saibro,
já de côr desconhecida,
os passos de quem passe!

O quiosque chinês,
onde tantas e tantas
noites de amor correram,
não abate mais queixumes,
nem gritos que as mulheres
só podem dar sem luzes fortes!

Caiam as folhas de árvore,
amarelas, no chão!

E o vento faça um bailado
com elas, em volta
duma carta de amor
apertada e perdida!

A estátua do sátiro
que, ha tantos anos, persegue
a estátua da ninfa,
fique assim, para lembrar
que só é eterno o desejo
do que não alcançamos!

Que o relogio de sol,
de desconhecida idade,
não possa marcar mais horas
pela fugida do sol
com horror da paisagem!

Mesmo sem sol
o parque terá sombras...

... e vós haveis de dizer-me
se a morte não tem beleza.

*Do livro «Parábola do meu Sonho», de José Rodrigues, edição Cosmopolia, estes dois sonetilhos:*

### PASSA GENTE!...

Passa gente!... E, quando passa,
Sinto as pedras do caminho...
— Senhora, cheia de graça,
Dai-me um pouco de carinho...

Que o vento, quando esvoaça,
Por este Amôr que adivinho,
Faz me sentir a desgraça
De alguem que vive sósinho.

E vejo que esta incertesa,
Que por vós se transformasse,
Era um Canto á Natureza...

E eu então vós bemdiria
Num desejo que embalasse,
Vossa Presença de um dia!...

### MEU CORAÇÃO

Meu coração não se cança,
— Não se cança de bater;
— Vivendo sem esperança,
Por ti vive, sem querer!

Que o Desejo, não alcança
Quem, por ti, vive a sofrer;
— Trago sempre na lembrança,
O que quizera esquecer.

Vivo assim e assim pensando,
Vou na vida arquitectando
Que és uma sombra distante.

Bate, pois, devagarinho,
Coração que amas sósinho,
Naufragando a cada instante.

## LETRAS CONTEMPORANEAS

# Um capítulo de «A Grande Empreza»
## de Castelo de Morais

— Maldita chuva!... O' menina Assunção, fazia-me um favor?

— Diga, senhor Crispim...

— Era o alicate... mas não se levante.

— ...

— Muito obrigado.

No aposento apenas dois ruidos. O da chuva nas vidraças a tamborilar impertinente e o traquinar de ferros na banca do relojoeiro. O trabalho da pequena — passajar meias — era silencioso. Pela janela entrava uma luz côr de cinza que parecia molhada e peganhenta. Dentro soou uma campainha.

— Devem ser eles...

— Se quere vou ver, mas deve ser o padeiro, senhor Crispim...

— Não vá, não vá! Se forem eles que chamem.

— O senho tem a certeza que o vêm procurar?

— Essa é boa! Então uma carta não tem resposta?

— Quando as pessoas querem responder, tem... De contrario... Olhe o meu se me escreve!...

Confirmando a afirmação da rapariga, uma voz preguntou do corredor:

— Queres pãezinhos pequenos, Assunção?

Esta disse que não queria e explicou ao senho: Crispim que o pequeno tinha enjoado a açôrda e só comia farinhas.

— Farinhas! Modas... As crianças dantes comiam tudo... Olhe, menina Assunção, eu fui desmamado com borôa... e nunca tive uma doença.

— Os tempos são outros, senhor Crispim. Os medicos mandam... Que lhe há de a gente fazer!...

Novo silencio de palavras. A chuva nos vidros continuava a bater impertinente e o tôrno do relojoeiro guinchava devagarinho a desbastar um eixo.

Decorreu meia hora. Assunção, curvada sobre a costura, trauteava quasi imperceptivelmente um fado meigo. O velho, com a lente assestada no olho direito, adaptava num relogio minusculo e peça consertada. Interrompeu-os uma voz aspera, que da porta bradou:

— Estão aqui duas pessoas que o preguntam, senhor Crispim.

— Bem, bem...

Crispim ergueu a lente para a testa, arrumou as peças do relogio debaixo da campanula e olhou a rapariga. O olhar dele queria dizer que ela seria demais ali, durante o coloquio com as visitas. Assunção compreendeu o olhar do velho e ajudando-lhe a intenção levantou-se. Levou a cesta da costura e mandou entrar os visitantes.

Quando estes, dois homens, cruzaram o limiar do aposento, já a mascara do velho era outra. Aquele ar de bonhomia calma que lhe adoçava as rugas e tornava paternal e risonho o bigode ruço, desaparecera para dar lugar a uns sulcos fundos junto das narinas e a dois vincos que lhe contornavam o nariz, até ao alto da testa, dando-lhe ao rosto a dureza dum perfil de aguia enfurecida. O senhor Crispim devia ser alguem que se preparava para uma luta qualquer num campo que lhe era desagradavel e doloroso. Todos os musculos do rosto contraindo-se e enristando-se acusavam o esforço do seu dono para congregar e comprimir toda a energia latente duma vontade firme num minuto decisivo de combate.

— Cá estamos, senhor Rodrigues...

— Bem vejo; sentem-se. Trouxeram todos os documentos?

— Falta um, senhor Crispim, disse o mais novo dos dois visitantes.

— Então voltem quando o tiverem. Sem estar tudo em ordem não temos nada feito.

Falou então o mais velho. O documento esta a pedido. Aquele dia era sabado; na terça-feira proxima já o tinham. O *homem* tinha ido ao Porto. Tinham vindo ali por uma atenção e ainda por um outro motivo, um pequeno adiantamento, por fora, sobre letra, com a garantia da comissão, para umas despesas de momento...

— E de quanto seria o avanço?

— Dois ou três contos...

Crispim franziu mais a testa.

*A capa que Martins Barata desenhou para o livro de Castelo de Morais*

— Um conto e oitocentos já remediava, emendou o mais novo.

— Vamos lá a ver... São três, são dois ou é um e oitocentos?

E o relojoeiro fazia esforços para trazer um risinho de cidra á flôr dos dentes largos.

— Um e oitocentos chegava...

— Com que então chegava... — comentou mansissimamente Crispim Rodrigues. E levantando-se acrescentou: Bem, logo, ás quatro e meia em ponto, á porta do Chave de Ouro, mas vão os dois, ouviram? Levem a letra aceite por ambos e bem explicado isso da comissão para tornarem a letra comercial, percebem?

— Até logo, senhor Crispim, lá estaremos.

— Muito obrigado. Muito obrigado.

— Passem bem... e não faltem. A's quatro e meia, no Chave de Ouro...

.....

— Menina Assunção!...

— Uh!...

— Já pode vir, os homens já foram com Deus.

Assunção voltou para junto da janela e retomava a agulha para continuar a costura quando o senhor Crispim lhe disse pausadamente:

— Pare lá com o seu trabalho um bocadinho, tenho de falar consigo...

A pequena ficou admirada a olha-lo.

— Admira-se que eu tenha que lhe dizer? Tem razão. Há um ano que sou hospede nesta casa e nunca conversamos cinco minutos a fio. Uma vez é a primeira... As senhoras não sabem quem eu sou, nunca me preguntaram de onde vim. Estive com a entorsé e trataram-me sem indagarem se eu tinha dinheiro para lhes paga:... Esse modo de proceder fez-me vosso amigo, da menina e de sua mãi, mas mais de si do que dela, que tem um feitio muito diferente. E agora preciso pedir-lhe um favor muito pequeno que para mim é muito grande...

— Se fôr coisa que eu possa fazer...

— Pode. O favor é só isto: Ouvir uma historia que eu lhe vou contar e ouvi-la tão bem que, sendo preciso, possa repeti-la a um juiz ou a um policia, tal qual eu lha contar. Ora ouça lá:

Eu, ha uns seis anos, era um homem feliz e muito rico. Tinha negocios em Africa e a minha casa de lavôira no termo de Leiria. Numa volta de Luanda casei-me com uma rapariga a quem dei o melhor do meu coração e todo o bem-estar que uma fortuna grande pode oferecer a uma mulher. Depois da guerra, os negocios das colonia complicaram-se e tive de ir até lá. Mourejei por êsses matos vinte meses e depois de ter salvado o meu dinheiro, voltei... Achei o pombal vasio... A minha mulher tinha deixado a quinta e fugido para Paris com um engenheiro que lhe arrastou a asa logo depois da minha partida. Levou as joias, deu-me ui sopapo razoavel nas economias e passados meses teve um filho dele. Quando o pequeno nasceu já o dinheiro estava gasto e o homemzinho, que me não conhece, voltou para cá e abandonou-a em Bordéus com o petiz nos braços. Eu então requeri o divorcio, o processo foi julgado á revelia em meu favor, liquidei todos os meus negocios, mudei de nome, fiz-me relojoeiro umas vezes, aglota outras, e cá tenho vivido á espera de uma hora que ha de chegar. Estou quasi a deitar as unhas ao patife...

— Ai, senhor Crispim, não o queira pagar por bom, veja lá o que faz!...

— O que faço? Essa é boa! Julga que o vou matar? Eu, que sou um divorciado e nada tenho com ele nem com ela á face das leis? A prova que o não mato é que o não matei ha bocado... Era um dos que estiveram aqui. Veio pedir-me dinheiro e eu vou emprestar-lho. Veja lá como eu sou bom!...

— Oh senhor Crispim, não conte mais que eu tenho medo!...

— Medo de quê? De me ver emprestar umas notas de cem a um patife que me quere roubar duzentos contos depois de me ter roubado a mulher, destruido a casa e obrigado a esta vida de sózinho, a mim que era o mais alegre dos homens? Descanse, menina Assunção, o homem ha de ter o seu conto e oitocentos... E' o primeiro avanço de capital para uma grande empresa, como ele diz. Ouviu bem o que lhe disse? E' capaz de repetir isto, não é? Ah! esquecia-me dizer-lhe, o meu nome certo é Manuel Crispim Rodrigues Falcão.

E' FORMIDAVEL!... EM BELEZA, ACABAMENTO, QUALIDADES DE PELES E PREÇO; A COLECÇÃO DE MALAS PARA SENHORA QUE BASTOS SILVA, L.DA, ADQUIRIU EM VIENA D'AUSTRIA E PARIS E EXPÕE NAS SUAS MONTRAS DA R. DE S. NICOLAU, 81

NOVIDADES LITERARIAS
MARIO
Encantador romance de amor, do Dr. A. da Silva Gaio, cuja acção se desenrola nos logares mais interessantes da Beira Alta, no periodo agitado da guerra entre liberais e miguelistas.
Deste lindo romance disse o grande poeta Thomaz Ribeiro:
«Os que o lerem afirmarão que encontram nele um dos mais belos romances historicos que se têm publicado em Portugal».
A capa da brochura, em tricromia, representa uma encantadora cena do final do livro e foi desenhada pelo distinto pintor Alfredo Morais.
1 grosso volume de 432 pag.: br. 12$00 - Enc. 17$00.
ALICE OGANDO
AS MENINAS DOS MEUS OLHOS
Contos infantis, ilustrados. 1 vol. 6$00
LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.ª
68, R. do Mundo, 70 — LISBOA

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

# Dolorosas contribuições de "La Trahison des Clercs" — Fala Fidelino de Figueiredo

Fidelino de Figueiredo

*O dr. Fidelino de Figueiredo é, talvez, o unico grande critico literario, que Portugal conta hoje. Toda a sua obra séria, meditada, reflectida, construtiva, constitui um monumento admiravel de cultura, dentro das devidas proporções da analise e da interpretação literaria. Uma, sobretudo, merece ser destacada, porque veio preencher uma lacuna grave. Referimo-nos á «Historia da Literatura Portuguesa», autentica genealogia de oiro da nossa vida intelectual, cujos ramos principais são o classicismo, o romantismo e o realismo.*

*Fidelino de Figueiredo trouxe para a critica processos novos, de coordenação e de concatenação. Objectivo, desapaixonado, dissecando maravilhosamente o processo literario de cada autor, situando-os no seu «clima», estudando-os nas suas reacções mais intimas e relacionando cada obra com as circunstancias temporais, o ilustre critico fez, na realidade, um trabalho prefeito, brilhante, tão completo como indispensavel ao leitor médio. A sua tarefa como ensaista é tambem notavel. Basta citar «As duas Espanhas», panorama de formidavel realidade, em que a alma da nação vizinha, na sua dupla mascara, o idealismo de D. Quixote e o prosaismo do escudeiro Sancho, desde os tempos remotos do seculo de oiro até á vertigem revolucionaria de nossos dias surge traçado em planos decisivos, nitidos, em que o conteudo dos factos se entremostra, deixando a nu a mecanica dos grandes lances da historia. Fidelino de Figueiredo fez um depoimento de alto interesse, desassombrado de pensamento, arguto de vizão e implacavel de raciocinio. Por vezes, queima. Quem o poderá condenar por isso? Os criticos são um pouco medicos. Compete-lhes não apenas diagnosticar, mas apontar ao doente o caminho da cura. Fidelino de Figueiredo depois de sublinhar «La trahison des clercs», não se esquece de indicar o caminho util que a nossa literatura deve seguir.*

—Quais as caracteristicas da actual literatura portuguesa?

—Existirá uma «literatura portuguesa contemporanea», no sentido complexo da expressão? A asfixia presente quasi estancou a inspiração criadora e critica. O português médio de hoje não crê que outro português, que lê os mesmos jornais e viaja nos mesmos carros electricos e tem a mesma dependencia do Estado, possa ter superiores talentos, possa ser um valor de circulação europeia. Os portugueses médios de hoje não admitem valores intelectuais que os excedam, não admiram, se para admirar é preciso levantar a cabeça. A sua admiração, endereçada aos efemeros e enganosos valores politicos, tornou-se mêdo ou calculo.

—A literatura pode ser politica?

—Na minha compreensão da etica da profissão literaria, deveria dizer, do sacerdocio literario, a literatura tem de ser supra-politica, dirigida a um idealismo de valores universais e desinteressados, a uma sagrada utopia. Nada me tem feito sofrer como o espectaculo do que Benda chamou «La trahison des clercs», para que Portugal tem dado dolorosas contribuições, que serão a caracteristica duma epoca.

—O advento da Republica marca algum periodo?

—O advento da Republica não podia deixar de trazer ao campo espiritual uma comoção profunda. Nos países pobres e centralizados, estado e nação quasi se identificam e são muito poucos os espiritos, que se encerram numa orgulhosa torre de marfim. Não creio que a politica seja a «ars magna», que dizem os seus militantes, mas suponho-a a causa magna», porque das suas variações depende a maior parte das possibilidades de realização, nos ambientes em que o individuo desgarrado pouco pode fóra das paredes do seu crania. A Republica no acentuado caracter anti-historico esquerdista que tomou desde a sua primeira hora, era em boa parte legitimo fruto da literatura demolidora do realismo, mas tambem estava em conflito com as tendencias de espirito da nova «élite», avançada já sobre a plebeização dos juizos dos panfletarios do realismo.

—Houve, pois, uma divisão de valores?

—A dos espiritos conformes que quizeram dar cerebro á Republica, compôr-lhe uma doutrina e uma literatura, e dos espiritos desconformes que da vigencia republicana extraíram corolarios demonstrativos da necessidade de continuar em pacifica evolução o velho passado. A organização do grupo Renascença Portuguesa, do Porto, foi obra dos conformes; Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoais e Jaime Cortezão figuram entre os seus primeiros orientadores. No segundo periodo da Republica esquerdista (1919-1926) que se separa do primeiro consulado ditatorial de Sidonio Pais, a Renascença Portuguesa transforma-se na «Seara Nova», um grupo politico e literario, muito mais politico do que literario, que afirmou um sincero desejo de reforma dos costumes politicos, e que abrigou alguns nomes ilustres, tais como Raul Brandão e Aquilino Ribeiro. Com ele manteve afinidades estreitas outro grande prosador, M. Teixeira Gomes.

—E os «desconformes»?

—Fundaram em 1914 o grupo do Integralismo Lusitano, cuja figura central foi Antonio Sardinha, que empreendeu a revisão da moderna historia nacional, como fundamento para uma politica de tradicionalismo organico e corporativo. As circunstancias deram a vitoria, no campo da acção politica, ao integralismo, mas o historiador da literatura dará relêvo maior ao grupo da Renascença Portuguesa e logo ao da «Seara Nova», principalmente sob os aspectos do romance e da critica social.

—Como caracteriza o romance português?

—Repete ainda a tecnica do realismo tal como se cristalizou nas obras de Eça de Queiroz. Varia a decoração com o variar dos cenarios e varia a giria dos dialogos com o andar dos tempos, variam os problemas que as circunstancias foram levantando, divorcio, conspirações politicas, emigração, miseria, tradicionalismo e revolucionarismo, e carrega-se a crueza e indiscrição ao versar o problema sexual, mas a estrutura interna do genero, a ironia como meio de chegar á objectividade desinteressada são ainda de Eça de Queiroz e do seu inolvidavel sorriso caricaturador. Devo, porém, dizer que a crise do romance ainda não foi sentida em Portugal, a sua dissolução em psicologia intencionista, em ensaio, em dialogo filosofico. A influencia de Anatole e Marcel Prévost, autores familiares dos leitores portugueses, é muito limitada.

E precisando:

—Tudo que o cepticismo amavel de Anatole, acolitado pela ironia e pela piedade, poderia instilar na mente nacional, achou o lugar já ocupado pela influencia de Renan e Eça sobre as gerações mais avançadas em anos e encontrou o obstaculo do dogmatismo absoluto, do anseio por afirmações claras em boa parte das gerações modernas.

—Mas ha autores, temas...

—Sem duvida! O romance contemporaneo ministra-nos um dado significativo: a sua camada de sub-solo—autores e temas que ainda não emergiram para o primeiro plano da atenção publica—acusa uma tendencia para radicais reformas sociais, como a anunciar o credo intimo duma geração. Alguns desses autores provêm do jornalismo, são formados na dura escola da reportagem, que conduz aos recessos da realidade.

—O que pensa da critica?

—Que nestes três decenios do seculo, a critica fez em Portugal progressos consideraveis e sob os mais varios aspectos: critica historica, literaria, filologica, social, filosofica, e nas formas mais diversas: didatica e erudita, militante e polemica, equilibrada no tipo do ensaio interpretativo, á inglesa e á francesa. Digo á inglesa e á francesa, porque de Inglaterra e de França são as origens do genero, mas parece-me que neste moderno desenvolvimento do gosto pelo ensaio ha sobretudo uma influencia espanhola, porque os ensaistas são grande e excelente parte da moderna literatura vizinha. E ha tambem uma influencia das circunstancias: num momento de anarquia espiritual, em que é necessario refundir toda a bagagem da inteligencia, o ensaio é o instrumento literario mais idoneo para esse trabalho de organização de ideias.

—Outro ponto a tratar: literatura colonial?

—As colonias outrora motivos de baixa literatura oficial, leis e regulamentos, relatorios e discursos ascenderam á literatura de arte. A sua paisagem e os problemas do seu quadro social podem trazer notas vivas de grandeza deslumbradora, de exotismo ao pequeno horizonte da metropole, mas essa moderna literatura colonial, estimulada por premios oficiais, ainda se não libertou do caracter apologistico, passadista e chauvinista, nem logrou interessar as zonas superiores da imaginação e da sensibilidade. E' uma encorporação de grandes motivos que ainda não deu todos os seus frutos.

—O que sairá do actual momento literario?

—Eu espero que a perplexidade momentanea da literatura portuguesa e o seu aristocratico distanciamento do grande publico sejam apenas indicios duma silenciosa concentração de forças para partir a uma nova marcha de pensamento e de sensibilidade, ao serviço da patria imortal, dos inquietantes problemas de hoje e de altos ideais humanos, a reconstrução da liberdade, a defesa do individuo, a dignificação da inteligencia...

«Como nos seculos passados, Portugal, distante de todos os focos da cultura moderna e da intriga europeia, trilhará novos caminhos de acção longinqua, outra vez camoneanamente se repartindo em pedaços pelo mundo, outra vez arquivando no dôce falar lusitano e brasileiro o seu caudal de experiencia e dôr.

# QUEM ERA HUMBERTO DE CAMPOS

(Continuação da 1.ª pagina)

e como caracter. Um simples episodio basta para o definir. Quando eu publiquei «Emigrantes», uma parte da Imprensa brasileira dirigiu veementes diatribes contra este livro, não porque o houvesse lido, mas pelo que dele tinha ouvido dizer. Dezenas e dezenas de jornais, de varios Estados do Brasil, pediam a supressão da obra do mercado brasileiro, tentando fazer do pobre romance um caso nacional. Periodicos que hoje me tratam carinhosamente, chamavam-me, então, pelo menos, «escriba peninsular».

No meio deste fragor verbal, uma outra voz se ergueu, mas de tom diferente. Era a de Humberto de Campos. Num artigo do «Correio da Manhã», ele velo dizer, embora correndo o risco de ser considerado anti-patriota, que o Brasil estava sendo injusto comigo, pois o meu livro não era contra o Brasil, mas sim contra aqueles que, no Brasil e em Portugal, exploravam os emigrantes.

Perante a autoridade de quem fazia esta afirmação, a campanha cessou e o ambiente, em volta do livro, modificou-se.

Humberto de Campos procedera expontaneamente. Eu não o conhecia senão de nome. Nunca haviamos tido relações pessoais ou literarias. Eu não lhe mandara sequer o livro. Ele comprou-o ou alguem lho emprestou, e logo procedeu em obediencia ao seu caracter, ao seu sentido de justiça. E tambem não me enviou o jornal, para que eu lhe agradecesse a imprevista intervenção. Só tomei conhecimento do artigo graças a um português residente em Pernambuco, que me remeteu o «Correio da Manhã».

Era assim Humberto de Campos. Por isso, eu não posso escrever sobre ele sem uma grande, sem uma profunda emoção. Morreu novo: tinha apenas 48 anos. Mas o sofrimento e o talento permitiram-lhe fazer uma obra que não morrerá.

FERREIRA DE CASTRO

## Registo bibliografico

*Direito de Amar,* por Manuel de Campos Pereira.

*Arte de viver,* pelo dr. Amilcar de Sousa.

*Areias de Portugal,* por Hipolito Raposo.

*Concelho de Proença-a-Nova* (monografia), pelo padre Alves Catarino.

*Em luta com o Spitzberg,* (tradução), por Lars Hansen.

*Problema da Marinha Mercante Nacional,* pelo engenheiro Gago de Medeiros.

*Rosa Silvestre,* (contos infantis), por Rosa-Silvestre.

*Suissa Economica e Industrial,* pelo Office Suisse d'Espansion Commerciale.

*Ana Rita,* (edições «gleba»), por Jorge Antunes.

*Oiro,* por Mario Dionisio.

*Juntas de freguesia ou comissões Paritarias?,* por A. de Sousa Gomes.

**Salão Arte**
85, Rua Nova do Almada, 87 — Lisboa
Passes de Electrico
AUTO-GRAF
6 retratos prontos em 15 minutos
5$00
Para Passaportes, Passes e Bilhetes de Identidade

Para o NATAL
Recebemos um grande sortido das mais
INTERESSANTES NOVIDADES
proprias para Brindes do Natal, tais como:
Bronzes de arte, marmores, "biscuits", cristais, etc., etc.
CASA LEONEL
71 — Rua do Carmo Telef. 2 4571

# PANORAMA UNIVERSAL

## LITERATURA

### Vercel, Prémio Goncourt

Numa das suas famosas entrevistas, Frederic Lefévre pinta-nos a traços firmes a personalidade, a muitos títulos interessantes, do escritor que o veridicto dos dez juizes do Premio Goncourt celebrizaram em 24 horas.

De todos os prémios literarios europeus, o Goncourt é certamente o mais cobiçado pois assegura, ainda mais que o Nobel, a popularidade instantanea. Os dez mil francos atribuidos pelo cenáculo do Restaurant Drouant—«fazem meninos», para nos servirmos da conhecida expressão francesa.

Há outros prémios mais elevados, que atingem, quinze, vinte e até vinte e cinco mil francos. Mas nenhum escritor, se lhos dessem a escolher, hesitaria: preferia o Goncourt.

Roger Vercel é professor no colégio de Dinan, perto de Saint-Malo, na Bretanha. As suas interessantes afirmações, duma simplicidade sincera, tintas de finissima ironia, sádias, espontaneas, inteligentes, revelam o homem prático e profundo, capaz de agir e de pensar, o burguês sem vergonha de o ser e o intelectual sem pedantismo.

Um optimista! Ninguem o diria, ao ler o *Capitaine Conan* ou o *En Dérive*. Mas é ele quem afirma:—Nunca me aborreço. Detestaria aborrecer-me.

Grande andarilho, escreve os seus romances a andar, *á travers champs*, em agendas dos grandes armazens parisienses.

—A's vezes, os campónios tomam-me por um oficial dos impostos... Posso escrever durante dez quilometros. Se os escritores andassem mais, os seus livros seriam melhores. A cadencia do passo estimula as ideias. Um tipo que, sentado, não é muito esperto, torna-se inteligente a cinco quilometros á hora.

Paladino da imaginação, tem esta afirmação tão arrojada quanto simpatica para o nosso modo de ver:

—A maior alegria literaria, é a primeira! A minha foi quando *La Dépêche Coloniale* premiou com 500 francos uma novela minha sobre a Indo-china.

Era a minha primeira evasão; obedecia á minha vontade irresistivel de tomar ar, situando um conto num país onde nunca fora. Estou convencido de que se descreve melhor o que se imagina que o que se conhece...

Projectos? Os mais limpidos e sãos: levar brinquedos de Paris para os cinco filhos que o esperam na Bretanha; continuar professor em Dinan; continuar a escrever...

Bravo, Roger Vercel! Desta vez os Dez «Goncourts» escolheram bem o autor!

E a obra?

«Um belo relato, colorido, vibrante, e que vai impressionar leitores de opiniões muitas vezes opostas»—escreve René Lalou. «Como indica o titulo, *Capitaine Conan* é essencialmente um retrato. O retrato dum individuo bem caracterizado, que, retrozeiro em Saint-Malo em 1914, merecerá, quatro anos mais tarde, a Legião de Honra, cinco estrelas, três palmas, e comandará em senhor absoluto a sua secção que tinha «as tricas dum chapeu de prestigitador». Mas, ao mesmo tempo, Conan incarna um tipo: representa os três mil aventureiros a que o autor pretende dever-se a vitoria, aqueles em quem a guerra despertou os instintos do chefe de quadrilha»... Depois da guerra, Conan sente-se sufocar numa sociedade que não é feita para ele, onde já não tem lugar...—Eu sou talvez o que se chama um guerreiro, responde Conan a certo oficial que lhe dissera:—Eu sou um militar.

«Felicitemos Roger Vercel, conclui René Lalou, por ter pintado tão justamente este tipo humano, sem o glorificar nem censurar e não sem arte, mas sem literatura».

## BELAS-ARTES

### Rehabilitação do «assunto»

A propósito duma exposição parisiense, em que um coleccionador-comerciante de gosto. André Seligman, reuniu 150 telas dos melhores autores dos seculos XVIIII e XIX. Paul Hermant escreve no numero de Natal do *Figaro illustré* estas sensatas considerações:

«*A rehabilitação do «assunto»*—tal é o problema oferecido ás nossas meditações pelos organizadores»... «A maioria das obras expostas são de valor excepcional. Que trazem elas a favor daquela tese? A quarentena de artistas seleccionados em cada uma das épocas reune os incontestáveis campeões do «assunto»? Seria, julgo eu, dar aos pensamentos criadores desses mestres limites precisos e aproximados. Na sua maior parte foram realmente pintores! O assunto? Mas nascia da observação dos seres e das coisas, da fecundidade da sua imaginação, da cultura do seu espirito, da elevação dos seus sentimentos. O talento fazia o resto. Só uma emoção ressentida, o desejo ardente de a exprimir por uma tecnica segura, com a segurança que dá o conhecimento profundo dum oficio, puderam dar a certas obras expostas um incontestavel poder de sedução. E' verdade que—e penso sobre tudo no seculo dezenove—havia o ambiente e a emulação. Os novos-ricos, especuladores actuais, não podem comparar-se aos mecenas de outrora. Que exigiam eles? Inteligencia e sensibilidade. Na atmosfera da época vinham além disso o gosto e a fantasia.

Pedindo aos nossos artistas contemporaneos para fazer sempre «coisas novas», abriram-se duas portas: uma aos farsantes, outra á incompreensão dos snobs».

## PEDAGOGIA

### Pedagogia hitleriana

L.—A. Fouret publica na circunspecta *Revue des Deux Mondes*, alvo da ironia desdenhosa de Eça de Queiroz, um substancioso estudo em que analiza, mais do que os efeitos, a marcha evolucional (ou involucional, conforme a côr da camisa de cada um) da pedagogia alemã depois da guerra.

Não podemos chamar-lhe desapaixonado. Mas é honesto, profundamente honesto. Assim, começa por expôr o seu ponto de vista pessoal afirmando:

«Um regime politico marca necessariamente com o seu estigma o ensino publico. Se o regime é de essencia liberal, o mal não é grande; ciencia pura e pedagogica não correm perigos graves. Mas se o regime é ditatorial e obsoluto, não é a mesma coisa. A liberdade é banida da ciencia e da arte, principalmente da pedagogia. Toda a manifestação de individualismo torna-se um crime contra a segurança do Estado; a actividade espiritual é posta, como as outras, ao serviço do dogma indiscutivel para os senhores do momento».

Fouret condena assim, indiferentemente, não só a pedagogia hitleriana, mas a pedagogia marxista, reconhecendo que na Italia, «a adaptação do ensino ás necessidades e ao interesse politico do fascismo foi mais habil, mais maleavel, mas não menos definitiva». Contrapõe-lhe depois a pedagogia saída da republica de Weimar, cujas *Richtlinien* (directivas) conduziam a um superindividualismo ultra-livre que se abstem de classificar mas que da sua exposição nos parece excessivo.

A reacção hitleriana foi, assim, mais violenta. A *Gleischaltung* (uniformização, aquilo a que os franceses chamam *mise au pas* fez sentir mais duramente os seus efeitos. A' liberdade mais absoluta opôs-se o mais convencional dos dogmas: o dogma etnico, a ideia de raça, tal como o entende o ditador alemão.

Mas quando historia os efeitos produzidos pela nova orientação nos corpos docentes, escreve estas palavras espantosas:

«Esta transformação parece ter-se feito sem choques nem violencia, amigavelmente: este ou aquele presidente duma associação de especialistas (historiadores, filologos, fisicos, etc.) abandonou voluntariamente o seu cargo para o ceder a um colega membro do partido nacional-socialista que, mais ao corrente e insuspeito, lhe parecia mais apto a defender os interesses da disciplina que ele representava.»

Em resumo, embora o seu liberalismo romantico o leve a afirmar que as adesões se fazem «em silencio, sem entusiasmo», L.-A. Fouret reconhece este facto que é essencial conhecer, para amigos e inimigos:

«A revolução pedagogica hitleriana realiza-se, em suma, sem fuga, sem consentimento unanime—mas realiza-se.»

## ARTES GRAFICAS

### L'Art vivant du Portugal»

Compramos e folheamos com o maior interesse o numero especial da revista francesa *L'Art Vivant* dedicado ao nosso país. Organizou-o o arquitecto Gonçalo Melo Breyner sob o patrocinio do Secretariado de Propaganda, e, dum modo geral, só ha que felicitá-los, a este pela iniciativa, aquele pelo resultado. *L'Art Vivant* é uma revista séria, acreditada em varios meios, frequentados pelos intelectuais que nos convém vêr gastar dinheiro no Estoril. Esses —e isso diz do triunfo prático da empresa.— ainda gastarão mais do que nós, ao folhealo, porque não conhecem o resto nem sabem coisa nenhuma que lá não venha. E o que lá vem, vem bem, apresentado com aquele bom gosto dos tipografos e impressores franceses.

A capa «verde e encarnada» é um achado, um optimo cartaz nacionalista, nas suas enormes simplicidade e distinção. Anuncios muito bem concebidos e paginados. A dupla pagina das paisagens, inteligentissima, cheia de caracter e de encanto. O mesmo elogio merece a pagina das catedrais e todas as que representam monumentos e aspectos de ar-livre. Muito engenhosa, a apresentação do fotografo Schall para os bonecos de barro. Mas já não nos agradam tanto as consagradas á arte portuguesa propriamente dita, quer antiga (representada talvez em excessiva maioria) quer moderna (exceptuando honrosamente aquela em que se arrumaram muito bem quatre desenhos da *Histoire du Portugal par coeur* de Almada Negreiros). Parece-nos insuficiente a amostra dos painais de Nuno Gonçalves, confusa a disposição do conjunto. Os dois tripticos de São Vicente mereciam bem a pagina em que se pôs a freira convalescente da solitária, que não é da nossa particular simpatia.

A representação dos artistas contemporaneos, tambem não é muito feliz. Dois Smith quasi iguais (na reprodução reduzida, pelo menos), um Dordio Gomes que vive só da côr ausente, uma aguarela de Bernardo Marques que não é das suas melhores obras, a ausencia de desenhos de Tagarro,—são coisas que saltam á vista, principalmente numa revista que se intitula *Arte Viva*. O admiravel Gonçalves Zarco de Francisco Franco vem num tamanho e num lugar que o desfavorecem. E é pena que a arquitectura moderna portuguesa só dê sinal de si com três *maquettes*...

Os artigos enfermam de dois males, um menor, outro maior: a preocupação de meter o Rossio na rua da Betesga, useira sempre que se trata de contar Portugal aos estrangeiros, e que dá ao texto um *cicieronismo* que briga com o caracter da revista—e a portuguesissima revoada de gralhas berrantes, que atinge as proporções de praga egipcia.

Mas tudo isto são reparos portugueses—íamos escrever provincianos, imaginem!—a um lindo numero que fará linda vista no estrangeiro.

LEONARDO

## Homenagem inglesa aos descobridores portugueses

*A União Sul-Africana, que reune as colonias inglesas do Cabo da Boa Esperança, Natal, Transvaal e Orange sob um unico governo, festeja este ano o seu 25.º aniversario.*

*Uma revista londrina a* Illustrated London News, *comemora o acontecimento publicando na sua pagina central uma aguarela alegorica de C. E. Twmer, representando varios episodios da historia e desenvolvimento da Africa do Sul. Nessa bonita composição avultam, como figuras centrais, Bartolomeu Dias e Vasco da Gama. A pagina intitula-se:* De Vasco da Gama ao Correio Aereo.

*Esta homenagem significativa sensibiliza o nosso patriotismo. Alem dos dois grandes descobridores, vê-se ainda na aguarela que reproduzimos o pendão com a Cruz de Cristo, duas caravelas, um padrão português do seculo XV e uma ermida ao nosso estilo.*

*Ao lado dos navegadores, sob a bandeira inglesa, Sir Francis Drake, sob a bandeira holandesa, Johan von Riebeeck, que fundou a primeira feitoria europeia da Africa do Sul.*

*No cortejo, destacam-se um huguenote francês, empunhando o estandarte flordelisado, um general inglês de 1814, seguido de soldados britanicos de 1820, empunhando a «Union Jack», depois um pioneiro, um missionario, um carro boer, etc.*